

O Boato

1893

Serafim Bemol



Personagens do BOATO

O Boato (*typo da actualidade*)

Janguta (*quebra largado*)

Mingote (*gaucho acobardado*)

Quinota (*sua mulher*)

Nicota (*sua filha*)

1°)

Sebastianistas – *maduros (velhos)*

2°)

O Parlone (*agente cosmopolita*)

O Larga-Larga (*puxa!*)

O Pica-pau ()

Padre nosso...

O Quero-quero)

1° A Batuta da ponta

2° O instrumento do Dr.

3° A contralto-contratudo

4°)

Que crianças!

5°)

6° Volta que a casa cae!

O R !!!!!

1° A adesão

2° A oposição

3° Las laranjas de Espanã

4° O chapéo de sol Theodolito

5° Só mesmo vendo...

6°)

La prése...

7°)

O escrivão

Cahe nagua (topo)

1°)

Elegantes

2°)

Telegraphista

O Sombra (Colombo policial)

Seo Idalino (leireiro)

O Juiz (dos casamentos felizes)

O Roberto (o macacão)

Il Baritono (os meus quindins)

Oh! Séo! (o inxadido)

O troça (chefe da invasão)

1°)

Caixeiros

2°)

A Cabrocha (heim?...)

A Creoula (hui!)

O Horrario (astrônomo do club)

O Felizardo (o sorte grande)

1°)

2°)

Frequentadores do jardim Scotto

3°)

4°)

O Fiscal (o do saquinho)

O Escrima (arreda povo)

O Rato branco

O Amantetico (xago)

O Cabo

1°)

Recrutados

2°)

O Dono

O Gatuno

O Supriô

O Moleque

1°)

Gógós (padres familias)

2°)

A Costureira

D. Linguinha (de prata)

A. Chica (que mucama)

Um Engraxate

D. Salustio (pae da pimenta)

O Peixoto

Convidados – convidadas

Povo-soldados-moleques-etc.

Distribuição dos quadros

Prologo : - Escola onde o BOATO prepara a sua gente

1° quadro – O Redondo da Praça

2° quadro – O Jardim do Seo Scotto

3° quadro – O interior do Mercado

4° quadro – O Casamento Civil

5° quadro – O desenlace – noticias de lá de fora...

Prologo

Época: A UNS TEMPOS ATRAZ

SCENA I

Ao levantar o panno os alumnos estão em completa desordem, de pé sobre os bancos, pregando rabos de papel de côr, etc, etc.

1° menino – (de sentinella a porta do fundo)

Viva a pandega, rapaziada!

Todos – Viva!...

2 dito – Cuidado que o mestre pode vir de repente...

1 dito – Não há perigo, cá estou de sentinella!

Todos – Viva a pandega – Viva! (cantam)

CÔRO

Fôra a Sabbatina,

Couza tão mofina,

Que nos deixa loucos;

Pois que até são poucos

Que não ficam roucos,

Com tal barulhada:

Pois chuchando bolos,

*Todos que são tolos,
Por não dar no vinte,
Cada um que pinte,
Faça seu acinte,
Por tanta massada!...
Fóra a sabbatina,
Torno da memória:
Viva a liberdade,
E morra a palmatoria!*

*Fóra a sabbatina,
Torno da memória:
Viva a liberdade,
E morra a palmatoria!
1º dito - (da porta) Arrama! Arruma que ahi
vem elie.
(Todos se sentam precipitadamente, e
principiam a estudar).*

SCENA II

Os mesmos, Boa-fé e Boato (ao F.)

***Boa-fé** – (entra tossindo) Graças: graças-que
encontro tudo em boa ordem – todos os senhores
estudando!*

*Isto sim – é que é bonito; e com isto é que os
senhores seus paes dos senhores, que são filhos
d’elles, ficarão contentes. (a Boato) Vê o meu
caro sucessor? Eis aqui a mocidade do futuro! O
futuro! por elle é que eu me esbofo a fazer
homens – digo... a preparar bons cidadãos. Ah!
meu caro sucessor! Cavacos do officio: é um que
vive se babando, outro que mette os dedos no
nariz, outro que não tira as mãos dos bolsos...
enfim – uma canceira; E’ de dezanimar até....*

***Boato** – (distrahido) Comprehando-
comprehando!*

***Boa-fé** – Pois é assim mesmo; esfalfo-me com
elles; esquento-me por causa dos madraços;*

ponhome com toda a atenção nos gordos... por
cauza da molleza e nos magros por... nem sei por
que – Ah! mas resta-me o consolo – de que aqui
se tirarão os reformadores da raça e dos costumes
– os sustentadores do civismo!...

Boato – Tem razão-tem; É com elles que se
hade escrever a história – (aparte) E é um
viveiro magnífico!

Boa-fé – Vê? Entusiasmo-me e logo – água fria
na fervura (reparando nos rabos de papel) Oh!
Oh! temos rabos! temos enfeites! Já! tudo isso
fóra! olá! senhor do rabo azul – então não se
meche?! (os meninos tiram os rabos) Ora o
brinquedo! não se pode com essa gentinha – só á
palmatória!

Boato – (aparte, esfregando as mãos) Oh! mas
isto é uma mina – um thesouro...

3º menino – Dá licença de ir lá fóra?

Boa-fé – (zangado) Não dou, não senhor. (toma
uma pilada) Muita atenção – como já lhes
tenho dito – está acabado o meu tempo de
serviço; entrego o ramo a outro, e aqui lhes
apresento o meu muito digno sucessor – o
senhor... senhor...

Boato – (atalhando) Borromeo Almanak de
Boato – um seu criado.

Boa-fé – A elle os senhores respeitarão de hoje
em diante: é o seu mestre!... Elle entra na vida
publica e eu me recolho á priada... (a Boato)
Para lhe fazer ver o progresso da aula, podemos
fazer um pequeno exame, não acha?

Boato – (emfastiado) Não, não: É dispensavel
(aparte) o meu methodo é mais simples: zás...
traz... nó cego...

Boa-fé – (zangado) – Façamos sempre...

4º menino – Dá licença!

Boa-fé – Máu... máu... máu...

4º menino – (com as mãos na barriga) Estou
muito aper...

Boa-fé – (zangado) Já disse: guarde os apertos para logo (pauzado) atenção! Vamos dar um pequeno panno de amostra ao senhor mestre novo. (reparando) Menino! Tire a mão do bolço! olha o outro: não se babe! Vamos aqui em linha – e tratem de acabar juntos – que é também como eu gosto) (os meninos formam na bocca da scenna) vá! atenção!

Todos – (na conhecida toada) b – a – bá
b – e – be – ba – bê
b – i – bi – ba – be – bi
b – o – bo – ba – be – bi – bo
b – u – bu – ba – be – bi – bo – bu

Boato – (bocejando alto) Ahn!...

Boa-fé – (zangado e reparando) Alguem fallou?
Bem vamos adeante

Meninos – (idem) c – a – ca
c – e – ce – ca – ce
c – i – ci – ca – ce – cei
c – o – co – ca – ce – ci – co
c – u.....

Boa-fé – (atalhando rápido) eh! lá! eh! lá!
Basta! Basta (aparte, orgulhoso) Que grandes homens eu tiraria daqui! (alto) Esta lição está sabida; vamos dar outra sentados...

Boato – (interrompendo) Não se incomode; por ahi se vê o progresso real da aula (aparte) Que gênios eu vou tirar daqui!

4º menino – (que tem estado a retorcer-se)
“fessor, já não posso mais!...”

Boa-fé – (sem reparar) vá, mas não se demore. (o menino SAE)

SCENA III

Os mesmos menos o 4º menino

Boa-fé – (continuando) Bem, agora vou fazer-vos as minhas despedidas – Meninos, meus filhos: o vosso velho mestre vae-se e com

saudades; deixo-vos entregues ao sábio Boato e vou tranqüilo por vos confiar a tão aceiadas mãos; ouvi as milhas ultimas palavras e desejo que no decorrer da vida ellas se não apaguem da vossa memória – attenção!

SCENA IV

Os mesmos e o 4º menino (entrando E. B.)

4º menino – (Entrando) Ah! que allivio!
(senta-se)

Boa-fé – (em tom de discurso) É de absoluta necessidade que a vossa palavra seja sagrada; seja qual for o trabalho a que vos dedicardes – empregai nelle todos os vossos esforços; confiae sem serdes demaziado crédulos; sede discretos e econômicos e contae só com vos mesmos – Lá isto por ahi algures; a vida honesta parte d'aqui. Não vos esqueçaes do vosso velho mestre, do velho Prudente Prudencio Soledade da Boa-fé – Adeus! (a Boato) Senhor Borromeo Albermanak de Boato: Entrego-lhe a semente da futura grande seara.

Adeus! (sobe)

Boato – (aparte) Aquem o dizes! (alto)

Meninos, acompanhem esse graúdo até á porta!

Boa-fé – (choramingando) Obrigado, meus filhos obrigado, pó mais essa prova da vossa estima, obrigado! (sae; os meninos ficam na porta chorando)

SCENA V

Os mesmos, menos Boa-fé

3º menino – (indo sentar-se e falando ao 4º)

Coitado do mestre: tão bom ele era...

4º menino – Bom é o diabo que o leve. Se tu visses como eu me vi inda agora não dizias isso...

Boato – (aos meninos que ainda estão na porta)

Bem; bem; basta de choradeiras; não precisa ficar como o nariz na greta... da porta até amanhã; sentem-se (os meninos obedecem. Boato accendendo um cigarro e offerecendo outros aos meninos) São servidos? Não gasta? (os meninos recusam) Santas creaturas! Que atrazo! Já vejo que vou luctar com algumas difficuldades...

5º menino – (aparte) Este professor soffre da bola!...

Boato – Pois meus meninos: o vosso mestre Boa-fé... era um tolo!

Todos – Ué! Ué!

Boato – Tolo... não; quero dizer, não era um homem do futuro, como eu. Entendem? Não entendem? Pois é pena. Eu procurarei explicar-me mais pelo miudo – ouçam. Isto é ainda um pouco philosophico. Porque ainda não praticastes... O mestre Boa-fé lhes enchia a cabeça com decorar e repetir sempre as mesmas couzas. Eu cá vou-lhes fazer prelecções: e como já uns sujeitos inventaram o positivismo, o espiritismo, etc, eu também fundo a minha seita. Não precisas ser letrado, basta ter letras gordas e se não se tiver nenhuma, excepto as aggnadas, também nada se perde. A língua é tudo. Saibam que cm a língua é que se faz casa linguado!... Não se precisa de saber nada, basta ouvir e passar adiante. Outra couza: os senhores só sabem aquelle b–aba de inda agora? Vamos ver algum outro progresso. Leiam a carta dos nomes; vamos.

Meninos – (na conhecida toada)

A – n – au – t – a – o – til – tão – Antão,

B – e – n – bem – t – u – to – Bento,

Car – ri – car – l – o – s – los – Carlos,

D – o – do – m – i – n – min – g – o – s – gos
– Domingos.

Eu – eu – fé – fé – mi – mi – a – a –

Eufemia...

***Boato** – (atalhando) Basta! É prodigioso! É só isto? Isto é a carta dos nomes que os senhores sabem? Que atrazo! Lembrem-se meninos que os senhores vão ser os homens do futuro como dizia o ingenuo Boa fé; mas o futuro não é estar parados, não é ser estaca. É andar na estica, e se bem que as vezes a estica nos leva a estar na estaca, nem por isso deve a gente estacar. Por exemplo: quem é esse Antão, esse Bento, essa Eufemia da vossa cartilha? No futuro tudo será mudado e o meu nome vae ser um nome celebre e conhecido, nos ângulos do continente, por que vae ter muitos grellos assoalhando muitos grilos, que alimentarão muitas galhas, desde que ellas sejam grulhas. E desde já dou uma barriquinha de assucar a quem prove o contrário...*

(Explicativo) Borromeo Almanack de Boato! Que suavidade!... Borromeo: nome histórico... e grande no reino da gloria: troquem-lhe alguma letra, pronunciem-no de pressa... e cada qual me pode chamar seu... Experimentem... Almanack – Almanacks há muitos: o do Graciano, o Luzo Brasileiro, o do Alfredo Rodrigues, o do Echenique e outros muitos; mas eu.. (emphalico) sou eu! Boato é o meu nome de guerra a tudo quanto não não é bom... de roer. O fogo queima; o veneno mata; os effeitos do Boato, bem manejado, são poucos, porem de dar e tomar; (imitativo) ruído, comichão, frio, calor, tremuras, olho parado, bocca aberta, mão na pistola, sebo nos calcanhares, arrogância, orelha murcha, nariz em pé, ca-t espero, e um raio te parta!

***Meninos** – Ah! ah! ah! ah! (riem)*

***Boato** – Meninos não riam; olhem que a pimenta arde é depois de trincada. Vou fazer-vos lições de cathedrativo: não é decorando nem fazendo perguntinhas de algibeira. É pura sciencia larga: e quando a sciencia larga-se... no campo della, é preciso muito respeito! O Boato é*

o que lhes expliquei e mais alguma coisa que só se experimenta, quando é serviço. É verdade: e de mathematicas? Os senhores pescam de mathematicas? Vejamos a lição.

Meninos – (na toada)

Um, dois, e trez

Quatro, cinco, e seis

Sete, oito e nove

Para doze faltam trez!

Boato – Chega! Chega! Oh! Vergonha das vergonhas! (reprehensivo) com que então, depois de um é dois... depois de dois é trez, depois de quatro e assim por diante? Pobres victimas do carrancismo! Aprensam, aprendam meninos; vem isto? (mostra a mão aberta)

Todos – É uma mão, sim senhor.

Boato - Muito bem; é uma mão; mas como uma mão tem cinco dedos e com os cinco dedos tem mais vantagens (gesto de roubar) que um mamão, deixa-se de lado esse um e só se conta de cinco em cinco ou de mão em mão, por ser mais commodo. Percebem?

Todos – (admirados) Ué! Ué!

Boato – E então, como o numero relatado, assim augmentado, de cinco em cinco por um, pode parecer muito grande, a gente fina, a gente que se trata, adoça a couza... relatada com um consta, ouvi dizer, me disseram, corre por ahi, etc., de modo que, quando o assumpto chegue ao interessado, seja já com tantos pés e tantas mãos, quero dizer, com tantos paes e tantas mães, que seria mesmo uma dor d´alma ir esgaravatar no monte onde nasceu a criança cogumelo / Parece a primeira vista que passar a mão na verdade, é segural-a de tal forma que não possa escapar-se? Parece? Pois não é, passar-lhe os cinco ou mesmo os dez e só para ter o gostinho de vel-a espernear... (aparte) Uf! Se o tal Boa-fe me ouvisse, morria de congestão de

ingenuidade! (alto) Os senhores perceberam o esboço (notem bem que é um simples esboço) do meu vasto programma?... E de home em diante o programma dos estudos é o seguinte: art. 1º só se estuda quando se quiser, mas tem-se de meter o bedelho em tudo e é obrigatória a frequência na aula, por causa do meu exemplo, que é salutaríssimo.

5º menino – Viva o mestre novo?

Todos – Viva!

Boato – Art. 2º: de hoje em diante quem contar um conto hade acrescentar-lhe uma mão ou as duas, ou tods as quatros, no cazo do ouvinte engulir bem as araras; art. 3º, como eu Boato tenho as costas largas e sempre tenho panno para mangas, muitas calças pardas e muitas camisas de onze varas, os senhores meus amados discípulos, em quanto pequenos, quando se virem mal, atirem tudo para cima de mim, que eu aguento por grossa que seja a espiga; e fica entendido, que como lobo não come lobo, nem eu os enganarei, nem os senhores me enganarão a mim; perante o Boato, somos invioláveis e sagrados, valeu?

Todos – Sim senhor.

5º menino – (aparte) Eu só não o enganarei quando não puder.

Boato – Muito bem; nestes são princípios, eu os educarei e aperfeiçoarei; outros se cobrem de scintilantes ouropéis; eu vos cobrirei de estanho, que é modesto, e quanto mais estanhados, mais encouraçados!... Agora, valor; vamos a conquista do mundo! Artigo 1º em vigor! (os meninos atiram os livros no ar!)

5º menino – Ninguém estuda! Que pagode!

Todos – Viva o Boato! Viva!

Boato – Psio! Psio!... Ouçam este lembrete que vae de inhapa (canta e imita por gestos o que diz.

(Musica da serenata oh! que patuscada)

*Entre os viventes,
Com garras e dentes,
O Boato é rei:
Elle impõe a lei,
A todos e á grei;
Por bem e á cacetada,
Por discursos – carões
Beijos – carapetões
Quer ficar na ponta:
Sciencia de mosca tonta,
O resto não se conta,
Que não vale nada!...*

Coro

*Quem falar agora
Admirando o facto:
É d'estylo novo
A escola do Boato! (BIS)
Boato – A' unha o mundo! (gestos)
Todos – A' unha! á unha! (idem)*

FIM

Acto 1º Quadro 1º

Época: esta que os Srs. Veem
Acção: quem assistir sabe logo onde é.

*A scena representa o redondo da Praça
Regeneração, passeantes, engraxantes,
vendedores de balas, etc. etc., (os Boatinhos
depois de sua primeira entrada devem circular
em todo o correr do quadro.)*

SCENA I

Boato e Sombra

***Boato** – (Entretando apressado da E. A.) Ah!
estou estafado, derreado! Maldito sombra!
Sombra implacável que não me larga... ella ahi
vem... (senta-se D. B.)*

***Sombra** – (Entrando E. A.) É mesmo de
arreliar! E'zas!... (gestos de apanhar moscas) e
nada! Ah! Boato! Boato! Se te pego! E o caso é
que estou estafado de correr atraz desse estufado
estafermo, que me mandam agarrar sem eu o
conhecer!... (senta-se) se ao menos eu tivesse aqui
dois da branca... sempre me refrescava...*

***Boato** – (Tirando cigarros e indo a ele) O
camarada tem fogo?*

***Sombra** – Pois não, cidadão; aqui tem (dá-lhe)*

***Boato** - Obrigado. Sirva-se de um... É favor...
(offerece cigarros)*

***Sombra** – (acceitando) Deus lhe pague. Diga-
me, o senhor conhece o tal Boato tão fallado?*

***Boato** – Nunca o vi mais gordo. (afasta-se)*

***Sombra** – É sempre a mesma cantiga; todos
fallam nelle e ninguém sabe onde rêzède: Má
raios tá parta! Se eu te pilho!... (sae E. B.)*

SCENA II

Boato só

Boato – Safa! Afinal! Eu qualquer dia ainda me deixo caçar; com este meu casamento, ando até meio pateta; é a única cousa em que cuido; mas também, dinheiro alli é matto; assim me informaram e affirmaram os meus queridos agentes. E lobo não come lobo, elles o sabem. (reparando) E os patetas até agora sem aparecer. Tendo eu marcado a reunião para aqui. (sobe) Ah! não! Que injustiça! Eil-os que chegam; (desce) só mesmo olho de mestre os distingue!

SCENA III

O mesmo e os Boatinhos por todos os lados

Todos – (falando uns para os outros) Me disseram, dizem, corre por ahi, etc. (ficam todos em grupo á D. B.)

Boato – Ordem! Ordem! Minha gente! Em revista! N. 1 á frente!

1º Boatinho – (perfilado) Prompto! Boatinho doce: O governo está forte como... uma coqueluche forte. (passa a E. B.)

2º Boatinho – Prompto! Boatinho amargo: o governo está fraco, fraco, como fraca é a minha vontade de pegar no rabo de um arado...

Boato – N. 3?

3º Boatinho – Prompto! Boatinho trilha: Y vivo jo a trabajar para usters! Vaja!

Boato – Venha outro”

4º Boatinho – Prompto! Boatinho engenharicpal: alinhamentos, calçamentos e sarjetas... (suspirando) ai! Ai!...

Boato – Outro, venha outro!

5º Boatinho – (grande e corpulento) Prompto! Boatinho Boi... ah! ah! ah! (risada alvar)

Boato – Ns. 6 e 7?

6º 7º Boatinhos – (numero 6 lendo o Correio Mercantil) É sabido que não há como a vacina; agora nos ensinaram herba de bugre com touquinhos de aypp, em chá! É magnifico para este fim de século...

7º Boatinho – Emittir vales é bater moeda; havemos de bater o pé até deixal-os a bater os dentes sob uma bâtega de argumentos.

6º e 7º juntos – Voltaremos ao assumpto.

Boato – Bem; basta; por agora estou informado (repreendendo) o que noto é que já a vadiação está crescendo; os senhores já não se esforçam, já não trabalham pela santa causa de fazer vento aos cataventos e elles estão se aquietando... É precizo todos os dias dizer a mesma couza? (abrandando-se) Ora não me desgostem; justamente agora que o cebolinho vae grelando! Enfim vamos repetir o capitulo e ninguém m'atrapalhe. (canta)

(Musica: o Tango do Boato.)

Sujeitinho, que em politica,

Dá noticias palpitantes,

Põe o ovo do micróbio

Dos Boatos alarmantes.

Sujeito que conta um conto

Com prizões, mortes e tudo,

Nem sabe que bichos tem

Um Boato cabeludo.

Côro dos Boatinhos

A – o – a Remeche rapaz

Assenta e verás.

A – o – a Em valente formigueiro (bis)

A – o – a O effeito que faz (bis)

A – o – a O effeito que faz

Lingua de Boateiro.

Todo o rapas despeitado,

Não levando a su'avante,

Nem é penca, p'ra consolo,
Toca o Boato adeante...
Toda a moça que na rua
Faz triliques a um rapaz,
Póde contar o que é certo,
Provoca o Boato atraz.
A – ó – á Remeche rapaz, etc., etc.
As medicinas da moda,
Vejam la quantos mysterios,
Levam té p'ra longes terras
Boatos de cemitérios!...
Heroicos velhos, birrentos,
Ferozes nos collarinhos,
Com angelica pachorra
Amamentam Boatinhos...
A – ó – á Remeche rapaz, etc., etc.
(falando) Agora cuidado com o trabalho.
Desenferrugem a língua; azeitem bem as molas e
sobre tudo olho vivo, ouvido fino e pé ligeiro,
vam! (sahida falsa dos Boatinhos) Espera!
Espera! O que é aquilo? Olhem! (indo buscar)...
Bom-senso – (criança de 3 annos
completamente nua, que atravessa a scena da
D. B. para E. B. pela mão de Boato.
Todos – Olha! Que engraçadinho!...
Boato – (voltando) Conhecem? Este freguez, é o
Bom-senso: nunca cresceu mais que isto, e tem
andado sempre sem camisa!... Vão, espalhem-se
e contem tudo oque for de bulir com as
nervosidades... (os boatinhos sahem por diversos
lados)

SCENA IV

Boato e o Engraxate (entrando)

Engraxate – (chegando-se) Qué ingraxá freguês?
Tem casca de banana, mas agora é três vintém;
tá tudo caro! Nem se póde dar bananas, por
causa do preço. Qué?...

Boato – Não amola, gury; não quero. Espera ahi, engraxa (senta-se; enquanto engraxa – Boato falla) Diacho, se eu não vejo meu az de ouros, é uma tristeza. A minha Nicota! Ora vejam como são as couzas... Olhem que um dia vi o Mingote, o pae, no Banco Inglez, recebendo um saquinho... um sacco... um senhor sacco... um sacão de libras esterlinas; aquillo me fez mal ás entranhas; acompanhei o homem e tanto rondei e tanto cumprimentei e tanto me requebrei... que formamos relações. Puxa d'aqui, procura d'acolá... soube que o homem era solido. Jantei com ele, passeinhos, atenções, arrumei a farofa; deitei galinhame á Nicota, embeicei-a e zás, traz, casamento tratado. Olha só eu na estancia, fazendo tropas e tropas vendendo na tablada e vocês vendo passar o milord!... que ponta! Hein?

Engraxate – (batendo) Prompto! Venha o cobre.

Boato – (dando dinheiro) toma; bem, agora vou dar uma volta, a ver se os encontro. (sae E. A.)

SCENA V

Janguta, Mingote, Quinota e Nicota

Janguta – (vindo todos da D. B.) Pois é verdade compadre Mingote; tenho andado maneado cá pelo povo; lá puxa que é tanto barulho e assobios e cornetadas de bonds e carros e carroças e escovadores de sapatos e o diabo... que deixa um homem azonzado!...

Mingote – É verdade, compadre; aqui tem se de andar sempre trocando a orelha e...

Janguta – Por que lhe digo, o primeiro trompeta que se me arrime e me regue uma pechada, levanto na ponta da trahira... Desaforo... comadre, que lhe parece, hein?

Quinota – Ah! compadre, mas tem cada moço

tão bem falante!

Nicota – Socegue mamãe, o que parece!... Olhe que alguém pôde estar reparando... Que vergonha!

Quinota – Cala a bocca, disfarçada! E tu, quando vaes dependurada no braço do tal Borromeo...

Janguta – Não vi é nenhum italiano de realejo; caramba se é musica de que gosto!...

SCENA VI

Os mesmos Pica-pau e Quero-quero

Pica-pau – (entram D. A.) Tenho informações certas; garanto-lhe que é mentira.

Quero-quero – Tenho certas informações, garanto-lhe que é verdade...

Pica-pau – Não lhe dou 15 dias, verá.

Quero-quero – Não lhe dou 4 dias. Hade ver.

Pica-pau – Conversa fiada!

Quero-quero – Historias da carocha!

Pica-pau – (zangado) Mucker!

Quero-quero – (idem) Tolo!

Pica-pau – Quero-quero!

Quero-quero – Pica-pau! (sahem)

SCENA VII

Os mesmos menos Pica-pau e Quero-quero, logo Boato (da D. B.)

Boato – (fallndo ao publico) Sabem? Isto é o tal celebre sacco de gatos, que o Toscano inventou... eu é que os assanho! (reparando) Ora até que enfim! (apertando a mão a todos) Que prazer encontral-os! Minha senhora... Seu Mingote, Nicotinha, (a Janguta) cavalheiro...

Mingote – (apresentando) O meu compadre Janguta, padrinho da Nicota; o nosso próximo

futuro genro, o senhor Borromeo Almanack de Boato de quem já lhe falei.

Boato – Oh! meu caro padrinho; muito gosto em conhecê-lo; seu criado para a vida e para a morte...

Janguta – (aparte) Já me engasguei com o homem este! (alto) como lhe vae de saúde? São de lombo e barrigudito, não? Estimo.

Boato – Bem, obrigado (aparte) Livra! (alto indo a Nicota) Então ainda está zangadinha? Ora também... por uma couza... sem cauza... (procura pegar-lhe na mão)

Nicota – (arrufada) Ah! me deixe! Fingido!

Quinota – Então compadre, tem gostado das moças daqui? São tão dengosas... não acha?... E tão disfarçadas...

Janguta – Ah! Sai Comadre, o que mais me inflõe é o macio de ellas pegarem no rabo... do vestido... que choro! Comadre! (imita)

Quinota – Mingote, repara só os requebrados deste homem. Fazendo-se de moço!...

Janguta – Antes fosse re... quebrado, comadre!

Boato – (a Nicola) Ora, mas esqueça isso, Nicotinha da minh'alma! Eu ardo, inflammo-me, estouro, arrebento só em pensar commigo se não consigo comtigo!... (gesto de casamento)

Esquece sim? (aparte) Dizem que a fortuna vem dormindo... historias, se não abro o olho sou um tolo; a fortuna é a filha do Mingote (ato amoroso) Perdôa Cotinha, sim? Eu te amo tanto...

Janguta – Me diga moço, você conhece bem os rincões todos cá do povo? Pois havemos de saracotear juntos por ahi, valeo?

Boato – Conheço tudo, tudo, por dentro e por fóra, por cima e por baixo, por detraz e por deante.

SCENA VIII

Os mesmos, o 1º Epidemico e os 5 seguintes

1º Epidemico – (atravessando rápido, de batuta na mão falando para traz) Bamos! Bamos senhores? *Yá és la hora del ensaio!* (sae)

2º Epidemico – (idem ao primeiro, tocando um instrumento qualquer, desafinado)

Janguta – Ué! Que diabo é isto? Olha outro!

3º Epidemico – idem, solfejando com um enorme papel de musica) *Dó, sol, rê, fá, mi, lá, sol, ré.* (sae)

Janguta – Olha outro?! Olha outro!

Nicota – (admirada) Mamãe do céu!

4º e 5º Epidemicos – (rapazes correctos)

4º Epidemico – Não senhor, aqui... é dó... bicudo!

5º Epidemico – Qual nada, é ré... picado!

Juntos – Ré, dó, dó, ré, fá, sol, mi, lá, dó, ré, sol, si... (saem)

Boato – Que horror!...

6º Epidemico – (creoulo atravessa tocando uma gaita de fole)

Boato – Passou tudo? Já está silencio?

Quinota – Parece. Mas o que é isto?

Boato – (com ares de terror) São doentes de musicalite. É uma doença que não mata, mas pega muito. A melhor vacin é deixar o doente cantar at arrebentar-se ou tocar o seu instrumento até arrebental-o. Em geral com seis mezes de professor, instrumento custa própria e abundancia de falta de resultado... prompto, a victima sára logo.

Mingote – (a Janguta) Você vê compadre? Que rapaz bem falante? Sabe tudo, até de epidemias. Que deputado está se perdendo! Lhe digo que se ele enche a rapariga de tudo quanto sabe... ella fica logo um poço... de sabedoria...

Janguta – Seu compadre, se ele é tão bem armado de sciencia, bombardeia a menina na inteligência. Olhe que eu pare engolir o primeiro livro do Coruja levei quase duzentas dúzias de bolos; e o meu mestre era mais que sábio, era um sabino, um sabão, escrevia Henrique com dois h h!...

Quinota – Mas gentes! Vamos ficar aqui até amanhã? Vamos Cotinha? Compadre, você não se meche? Então Mingote?

Janguta – Ora comadre, o fresco da praça é tão gostoso... vamos demorar mais um pouco.

Boato – (a Nicota) Maxina! Estão feitas as pazes, não é assim?...

Nicota – Ah! Já deu o seu bracinho a torcer! Era só o que eu queria... mas não caia n'outra. (fazendo momo) Este embusteiro!...

Boato – (aparte) Onça e libra sterlina alli dizem que é... a rôdo! (alto) Sedutora imagem, grata miragem, que da Estancia eu vi, todo o teu gado, a cavalhada toda, é o único visgo, que me prende a ti... (indo a Janguta) Pois amigo Janguta, este mundo é uma droga... (sentão-se – E. B. - Mingote, Quinoa e Nicota na D. B. formam outro grupo.

SCENA IX

Os mesmos e o 1º e 2º velhos

1º Velho – (entram da E. A. sentam-se depois de limpar o banco com o lenço.) Ah! meu amigo, não há remédio, é aceitar o facto consumado...

2º Velho – É o que me traz consumido.

Remedio, há; mas a tal Republica está forte.

Ora republica, a couza publica... como se a couza de qualquer cidadão, masculino ou feminino, seja uma couza publica!... se tudo é publico, onde está a propriedade?

1º Velho – Ai! Ai! Nem mais Te Deums, nem

mais beija mão, nem mais os vivas do estylo;
foram-se os títulos... e veja... pense nisto, até
para cumulo do desaforo o tal casamento civil...

2º Velho – Ché! Ché! Ché! Nem me falle... o
tal casamento civil... se eu pudesse enganar-o!

Janguta – (a Boato) Caramba moço! Mas
amode que você está me empulhando!

Boato – Serio, me consta isso; ouvi dizer...

2º Velho – Eu mostro casamento civil;
marmanjo que se caze com a minha Capistrana,
hade ir a igreja, olé se vae... se não... nada feito!

1º Velho – Mas lembre-se que o tal civil tem de
ser realizado antes do religioso; e se o sujeitinho,
depois do juiz casamenteiro, não quiser ir ao
padre caçador? ...

2º Velho – O que? O que é que você está
dizendo? Não senhor! É a mesma cousa, cá para
mim não estão cazados... e não deixo...
atrapalho... empato... não deixo...

positivamente! Era o que me faltava! A
Capistrana n'um quarto... o marido civil no
outro... portas fechadas... chave no bolço... até
resolver-se...

Janguta – (dando uma grande risada) E não
doeo?... É boa... ah! ah! ah!...

1º Velho – É um descabro. E religião, meu
caro! Que legião! Tudo é livre; calcule agora os
negros feiticeiros também fazendo festas ao deus
Manitu e enfeitando o seu altar com galinhas
pretas, orelhas de porco e cabeças de bode... e no
entanto a sociedade anonyma de Zé Vicente do
Páu, nem cobre já apanha para a cera dos
milagres!... O que será de nós!...

2º Velho – E eu, que tinha dado 12 contos
para as obras da capella da Morte–leve e estava
esperando ser nomeado barão...

Janguta – Puxa lo moço falador! Me desculpe o
mettimento: - mas você tem alguma mechanica
nas guellas, p'ra lhe mecher tanto com a língua?

2º Velho – Pois a irmandade chuchou os cobres, mas me garante a pé firme que ainda heide ser nomeado barão... mas estou vendo que é para quando se dizer a canalização do arroio Santa Barbara...

Boato – (a Janguta) Com licença; me desculpe um bocadinho, preciso dar um recadinho aquelles jovens velhos... (chegando e cumprimentando) Meus senhores...

2º Velho – Como vae, seu Boato, sempre activo, hein?

1º Velho – Como passa, sempre ocupado! hein? (Boato falla em voz baixa e gesticulando)

2º Velho – Que diz?!...

1º Velho – Isso é verdade?!

Boato – Consta; dizem isso, parece até que é voz geral. Bem... até logo, meus senhores (dirige-se para Nicota)

2º Velho – Adeusinho! (radiante) Arré! Já os levou a breca!...

1º Velho – (idem) Agora sim: parece que vamos serrar de cima!... (continuam falando baixo.)

SCENA X

Os mesmos e Sombra da D. B. ja meio embriagado e atacando Boato no meio da scena
Sombra – Já são tantos os dois da branca que estou vendo tudo pardo!... (agarrando Boato pelo braço) Camarada, o senhor terá visto o Boato passar por aqui?

Boato – (altivo) Oh! camarada, você por quem me toma? Você sabe com quem está falando? Olhe que eu tenho uma posição indefinida na sociedade, fique sabendo. (declamando) Prepotencia! Arrojo inaudito! Onde para a liberdade de reunião? Onde a da palavra? Anda tudo amordaçado! Ah! deixa estar, quando eu

for chefe de policia hei de botal-os a todos n'um quarto escuro a pão de farinha naufragada e agua de hydraulica, até vocês... (gesto de morte violenta) envenenados!...

Sombra – Não se zangue e não faça isso: antes fuzilar!... Eu é que tenho obrigação de achar o Boato; não está aqui, vou a outra freguezia. Me desculpe. (sae)

SCENA XI

Os mesmos menos Sombra

Quinota – (levantando-se) Crédo, meu genro futuro! se você não tivesse tão boa língua estava arranjado... Olha que eu sempre raspei um susto!... estou com tudo me tremendo dentro... Credo!

Nicota – Bem feito se ele não ficasse tezo o tal sujeito havia de lhe trepar no cangote, assim é que eu gosto!

Boato – Approvas, Nicota?... Oh! felicidade! Approvas? Pois olha, perto de ti eu estou sempre prompto, leste e agudo, para comer e para tudo!... (aparte) E ella gosta! Aprova! Que prova dos nove tirei agora!

Janguta – (a Mingote) Compadre, compadre, se fosse comigo... eu mandava o Lucas defumas este sotreta. Embirro, acho-lhe geitos de grachaim!...

Mingote – Paciencia, compadre. Isto é um moço distincto, talento como só ele; que deputado machaço se tira dalli; olhe compadre, não é lá por a Nicota ser minha filha, mas se ella casa com o Boato, como temos combinado, fica bem servida! O diabo é a rapariga, apesar do casamento tratado para breve, ainda lhe anda a fazer pirraças...

Janguta – Ah! ahi é que a porca torce o rabo...

Mingote – Repare para Quinota, parece que

está bem contente...

Quinota – (a Boato continuando a conversa) É como lhe digo; temos sempre grande criação; o terreiro é enorme; planta-se muito para gasto de casa, temos também muitos patos, marrecos...

Boato – (atalhando) E ganços também cria? Ah! S. Quinota. Eu adoro os ganços!... Mas voltando ao nosso programma: havemos de ver tudo o que há digno de ser visto em Pelotas, não é verdade, Nicota? Visitaremos jardins, o mercado, salões, muzêos, bibliotecas, a fabrica de vidros, monumentos, homens celebres, a ilha do Zé malandro, a torre do mercado, tudo enfim que há de grandioso, sublime e solemne; e a caixa d'agua também...

Nicota – Chi! Que bonito mamãe: quanta couza aceiada vamos ver!...

Mingote – Compadre, compadre repara só para aquillo!

Janguta – Compadre Mingote, o que falta é metter-lhe um fueiro de carreta entre as orelhas!

SCENA XII

Os mesmos e Parlone

Parlone – (oferecendo bilhetes a um passeante) Eh! me gumpira queste due... é ho resto...

Boato – (voltando-se) Permitam-me um instantinho; preciso dar duas palavrinhas aquelle amigalhaço (vae e falla baixo a Parlone.)

Parlone – Ma... doppo lá polizia m'agarra.

Boato – Qual agarra, qual maçaroca... e de mais juro que parece que ouvi dizer mesmo; palavra de honra; me consta!

Parlone – Má quá! Da láltra volta ni capo de vassura mi ham fato... Di questa...

Boato – Ora vae, vae d'uma vez, que homem assustado!

Parlone – Ma como é? Sôlo dire que é mendira,

tuto mendira?..

Boato – É issi, é isso mesmo, até logo (aperta a mão.)

Parlone – (sahindo) Bene pregata!

SCENA XIII

Os mesmos menos Parlone

Boato – (dirigindo-se ao grupo) Não há como ser Boato, é a coza que deslizo mais suave (senta-se.)

2º Velho – Vamo-nos chegando; é a hora do gamão.

1º Velho – É; e os companheiros devem já estar a nossa espera; estou contentíssimo com o que nos disse o amigo Boato; que rapaz inteligente! Que critério!

2º Velho – Desses há poucos, é o meu candidato,

1º Velho – Nosso candidato, pôde dizer.

2º Velho – Nosso sim, com a condição porém de civilizar o casamento civil, acabando com ele, vamos. (ouve-se tocar um funeral – dentro)

SCENA XIV

Os mesmos menos os 2 velhos

Janguta – (que tem estado a olhar para E. B.)

O que vem a ser aquella montueira de povo, ali amigo Boato? (indica)

Boato – (reparando) Aonde? Ali na Biblioteca?

Janguta – Eu sei lá se é blifustreca! Digo ali na ponta do meu dedo, por cima daquele cupim grande. Vê agora?

Boato – Ah! por cima da cascata, sim, agora vejo. São os funeraes das perolas...

Nicota – Coitadinhas! E eram muito moças ainda?

Boato – Não, mas todas já comião pão com codea.

Janguta – E como é que deu o tangoromando nelas?

Boato – Eu lhes digo. (vozes dentro)

SCENA XV

Os mesmos, *Larga-larga* e *Boatinhos*

Larga-larga – (Entra na D. A. com uma enorme rolha na bocca, os *Boatinhos* cercam-no, dizendo todos a mesma couza.

Boatinhos – Me disseram, consta, dizem, corre por ahi, ouvi dizer. (sahem)

SCENA XVI

Os mesmos, menos *Larga-larga* e *Boatinhos*

Boato – (aparte) Ah! ah! ah! Quando os boatinhos trazem um christão n'aquelle trote, calcule eu tomando a palavra!

Janguta – Mas o que é isto?

Boato – Isto é uma fabula: gato escaldado, d'agua fria tem medo... bem vamos principiar pelo principio a nossa passeiata. Já é quase noite e os habitués de tudo vão aparecendo, (á *Nicota*) ah! *Nicotinha*, tu és a minha *Nicotina*! (a *Quinota*) D. *Quinota*, a senhora que nota tudo, não perca nota nenhuma. (vozes, assobios e gritos dentro dos bastidores) Mas o que é isto? Com certeza é rôlo, se fosse no tempo da *Olga*, da *Juliera* e do *Zombo*, se poderia dizer que era alguma ovação...

Nicota – (agarrando-se a *Quinota*) Mamãe estou com medo! É algum bixo bravo...

Quinota – Sé mulher, rapariga!

Boato – Recomeça a falta de tranquillidade publica? Estão acaso suspensas as garatias?

Desmandos do governo! Prepotencia! Excesso de potencia!...

SCENA XVII

Os mesmos, o R! e Boatinhos

O R! – (entra da D. B. a passos muidos e rápidos, atravessa a scena indo os Boatinhos atraz vaiando, logo ao entrar em scena...)

Boato – (admirado) U! ! !... (o R! sae, Boato canta musica do ataca Felipe.)

Nem ele é Candinha,

Nem ele é Candoca.

Nem é Philomena,

É só João Minhoca.

Elle toca o piano,

Falla o francês,

E criado não quer,

Senão Portuguez!

CÔRO

Quá, quá,

Quá, quá, quá

Segura Peixoto,

Não deixa escapa. (BIS)

Janguta – (na toada da “tyranna,, apesar da musica do ataca)

Lá se vae o sol entrando

Vermelho como coalhada,

Fizeram-me a cama curta

Dormi com os pés de fora.

CÔRO

Quá, quá, etc., etc.

O R! – (Entrando na E. B. sozinho e parando ao meio da scena, canta:)

Conversa fiada

Ponhamos de parte,

*E tela cantada
É mais geito que arte!
Fazenda flexível,
Suave e sedosa,
Provoca o ciúme
Da gente invejosa! (sae a passo)*

CÔRO

*Quá, quá,
Quá, quá, quá,
Segura Peixoto
Não deixa escapar. (BIS)
CAHE O PANNO*

Acto 1º Quadro 2º

A scena representa uma parte do Jardim Scotto, grupos de passeantes de ambos os sexos; ao levantar o panno a musica toca o tango do Boato, nota-se grande movimento, á entrada de Boato a musica para.

SCENA I

Todos e Mingote, Janguta, Quinota, Nicota e Boato

Boato – *(de braço com Nicota e Quinota)*

Vejam minhas senhoras, os inocentes prazeres da cidade: beber, fumar, (gesto de tesourar) na dos outros, uma que outra ruguinha por causa do trôco, troca de olhares, tricas de intrigas, traça em muitas couzas, enfim uma troça! Vão só reparando... (á Nicota) Ah! Nicota, Cotinha de minh'alma! Que inveja estou causando! Com o teu amor celeste archanjo dos sonhos meus de moço, até me sinto mais gordo; enquanto outros disfarçam a paixão em rude linguagem, eu para ti, gasto só da fina! Seu Mingote tome lugar, com licença, eu volto já... um instantinho...

Janguta – *Caramba, este rapaz não para quieto; até parece que tem bicho carpinteiro!...*

Boato – *(de mesa em mesa bebendo e protestando) Como? O senhor não tem troco? Abuzo! E a autoridade dorme! Mas o governo esforça-se, trabalha, é até paternal... (n'outra) Governo fraco! Prepotência! O cambio baixou com a escassez dos trocos, a culpa é do governo! (noutra) senhores, o governo é liberal, é magnânimo, fiscalisa as rendas publicas! Quem tem culpa da praga dos gafanhotos? O governo. Quem matou o cachorro do Baeta? O governo. Porque é que houve a greve dos chapeleiros? Por cauza do governo. Quem autorizou a parede dos*

carroceiros? O governo. Por que é que os médicos fizeram a greve e não trabalham mais de graça? Por causa do governo. Quem ordenou o roubo do Beethoven? O governo. E vive-se amordaçado, nada se pode dizer! Abaixo a tyrannia! Fora o despotismo!

1º Passeante – Sio... Olha o troco!

4º Passeante – Olá, o troco, moço!

Boato – É o mesmo em toda a parte, entra-se n'um Hotel e para evitar demora já se procura pagar com antecedência por causa do tal troco; é cartões, é vales, a gente não se entende e sabe-se conforme se entrou, com fome, ouvindo-se ao mesmo tempo o dono do Hotel gritas para o cozinheiro: suspenda a lingüiça ou não quebre os ovos do freguez... que já se retirou! Ora pipocas!

Vozes fóra – Invade! Invade!

O Seo – Não tem cartão não entra!

Vozes idem – Invade. Entro!

SCENA II

Os mesmos e Roberto (por fora da grade com uma bandeija de balas)

Roberto – Vae bala, freguez, de ovo e de roza!

Chi!... os moço está damnado! Vae bala!

(atravessa a scena)

SCENA III

Os mesmos menos Roberto

Vozes – (fora) Invade, invade! (apitos e assobios)

Boato – (indo a Mingote) Não se assustem. Isto não é nada, são folguedos da mocidade, os senhores tem medo?

Mingote – Medo, não. Mas é que estão cahindo umas couzas parecidas com pedras e

pode alguma nos acertar...

Janguta – Pois olhe, não bulam com marimbondo; senão vou lá e sacudo-lhes uma tyranna de sahir cinza e casca de aroeira!

Boato – Prudencia, guerreiro descendente da farrapada! Detein-te ouzado navegador que por mares nunca d’antes navegados...

Janguta – (atalhando) Eh! eh! sofrene o pingo, moço!

Vozes – (fora) Entra, entra! Invade!

3º Passeante – Oh! Seu! Olhe para esta cerveja, veja como está toldada...

Oh Seo – Toldada? Qual! (examinando) o copo é que está sujo, prove e verá, marca sogra legitima!...

Boato – (a Quinota e Nicota) Se querem gozar, vamos de foz em fora, por essas alamedas sombrias e melancholicas. (a Mingote e Janguta) Os senhores é melhor ficarem, porque é bom ter quem nos guarde os assentos... Olhem que é uma procura enorme! Vamos!

Mingote – (a Quinota) Deixa elles irem sós para poderem falar mais a vontade. (continuam falando baixo)

2º Passeante – Oh! Seu! Que gosto de camiza engomada tem este sorvete?

Oh Seu – Senhor, são sorvetes de leite da copa cabana, se tem almidon não sei.

Quinota – (a Boato) Vão indo, que já os alcanço.

Boato – Nós vamos de vagar. (a parte) Era isso o que eu queria! Agora dou todo o fogo na cangica. (alto) Acucena do prado! Beldade! Roza de Jerichó, como te adoro! Olha, com o teu amor sinto-me mais forte que geleia de mão de vaca! E tu me amas também? Responde?

Nicota – (ingênua) Ué! Eu não entendo metade das couzas que você me diz...

Boato – Diz se gostas de mim?...

Nicota – Eu gosto sim, gosto, gosto, quantas vezes quer que diga!... Fingido!;;;

Boato – Ai! Eu morro por ti, e tu morres por mim?

Nicota – Morro sim.

Boato – Ai! Somos dois Morrões, isto é que é falar!

Nicota – Por que é que a mamãe ficou?

Boato – Por que não veio, eu também gosto della, gosto do seu Mingote, gosto do padrinho Janguta, gosto da Estancia, gosto de ti. Gosto do resto... Que bom quando nos cazarmos, não é Cotinha?...

Nicota – Cale a bocca seu fingido! É você diz isso dos dentes para fóra,; depois faz como o primo Ignacinho...

Boato – (hirto) Carra...picho!...

Nicota – Pois é; depois de dizer que gostava de mim, e outras couzas que eu já esqueci... quando a mamãe disse que já estava dando na vista, ele sahio-se a dizer que não casava porque o papae era um quebrado! Aquelle embusteiro! Veja só o desaforo!

Boato – Hein? Que... que... quebrado! Elle disse que o seu Mingote era ou estava quebrado?

Nicota – Não me lembra bem como foi, mas não é a mesma couza?

Boato – É como a agua e o vinho! (aparte) que o seja é o menos, que o esteja é o tudo! (alto) Mentira, boato! Calumnia! Se fosse verdade eu não saberia? Eu, aquém nada espaca! (amoroso) Mas descança Nicota, que eu não sou como o Ignacinho. Bem ves que já tractamos o casório, e agora só depende de um empurrão... Eu estou prompto... (sahem conversando E. A.)

SCENA IV

Os mesmos menos Boato e Nicota

Janguta – Comadre, lá... pucha que tem cada muchacha linda de se lavar com um bochecho d'agua!...

Quinota – Cale a bocca seu disfarçado!
Mingote repara como este homem anda atirado!
Ora já se vio! Deixe estar que eu lhe faço a cama com a Marucas...

Janguta – Ora sai comadre, boi solto lambe-se todo...

Mingote – Ora Quinota, deixa o Compadre se divertir; bem sabes que não está mais em idade de se perder...

Quinota – Pois sim, mas é que o pouco que já há, a Marucas é que perde!...

SCENA V

Os mesmos, Nicota e Boato da E. B.

Boato – Eu tomara já que chegue o dia, para te apresentar aos meus amigos, verás que rapaziada da boa. Olha, é o Marat, o Rodas, o Emilinho, o Potico, o Carnôu, o Zezinho. Ah! o Zezinho, que rapaz amável e inteligente!
Entende de tudo, até de musica, heide cantar-te um pedacinho de um colloçal tango, que ele só faltou principiar! Ah! e que cavalos lindos que ele tem... vaes gostar dele.

Nicota – Do cavalo?

Boato – Não, do Zezinho! Ah! mas se o visses, o pelo é todo preto e lustroso... é mesmo uma pintura!

Nicota – Quem? O Zezinho?

Boato – Não, o cavalo.

SCENA VI

Os mesmos, e D. Salustio e o 1º Passeante
1º Passeante – (da D. B) Pois é como lhe digo,
D. Salustio, assim fica muito bem.

D. Salustio – (trazendo uma grande
palmatoria) Não duvido, mas não para mim
que detesto o sal grosso; de resto, com algumas
instrucções de apuro, fica obra aceiada!
(comprimentando) D. Boato! Minha senhora...
(ao companheiro) vamos engulir uma sogra:
(sentam-se)

Nicota – Quem é este moço?

Boato – Este é o palmatoria do mundo: É o
pae do Abençoado pimenta; depois te contarei
isto com vagar.

Nicota – Mas escute: você não é mesmo Dr.? O
papae é uns encantos por você?

Boato – Não, formado não sou, mas atropelo a
tudo, para fallar hoje e amanhã menos, não
preciza saber; quem sabe e falla, vae á valla; a
politica então é o meu fraco, quero dizer, é o
meu forte. Faço andar tudo n'uma bolandina.
Teu pae gosta de mim, porque já tem me
ajudado a preparar mais de uma mayonnaise de
apreciações sobre a marcha...

Vozes fóra – Entra! Entra! Invade. (apitos)

Nicota – Chi! Elles vão pular! Vamos para
perto da mamãe!...

Boato – Não te assustes, tolinha, aquillo é
nada, é sou um trabalhinho meu (aparte) meu é
um modo de dizer, é dos Boatinhos. (alto) A
policia julga que eles trazem bombas de
dinamite; elles pensam que vão ser recrutados,
andam todos juntos, e acaba tudo em conversa...

Nicota – Mas p'ra que é que você se mette
nessas coizas?

Boato – Não sei, não está em mim, é do
sangue. Eu só me metto em couzas graudas, mas

toco os pauzinhos a muitas outras...

Nicota – Vamos para o pé da mamãe, já nos demoramos tanto! Você não diga nada a ninguém que eu disse que gostava de você, ouviu?...

Boato – Juro por deus nosso senhor (cruz com os dedos) não conto nada! Ah! Nicota, que ponta!

Nicota – Ponta? Que ponta? Eu não tenho ponta nenhuma! Em mim tudo é redondo!

Boato – Não é nada, é andar eu na ponta, na pontíssima da ponta! E tu andarás também na ponta commigo...

Nicota – Ué! Então eu vou andar na ponta? É couza boa a ponta? Você tem alguma ponta? Eu não vejo nada!

Boato – Diz-se andar na ponta, quando a gente se evidencia por qualquer couza, ou quando os outros se encarregam de nos exhibir com raridade a proposito de qualquer couza: e como todas as pontas acabam indo para a ponta da língua (chegando-se para o grupo) que é a ponta mais ponteaguda que existe, segue-se que...

Quinota – (avistando-os) Ora até que afinal! Onde andaram? O que é que fizeram no escuro do matto? Disfarçados... (a Nicota) Já te tenho dito que não te quero no escuro com marmanjos... mesmo noivos...

Nicota – Mas... mamãe...

Quinota – Cala a bocca, disfarçada!

Nicota – Mamãe! Pois no meio de tanta gente a gente ia fazer alguma couza! Ah! meu deus!

Quinota – E deixa-te de amuados, hein? Olha tu meu Mario de Artagão...

Nicota – É... só disfarçada... disfarçada. E a mamãe quando se casou com o paape?...

Quinota – Cala a bocca disfarçada... quem é que já te ensinou uma couza que para mim hoje é uma novidade? Já se viu?

Janguta – Comadre, o tempo está-se armando; é bom levantarmos o acampamento...

SCENA VII

Os mesmos e Baritono (atravessando a scena por fora da grade-absorto)

Baritono – Lá mia sfoza sará la mia bandiera! (vae-se)

SCENA VIII

Os mesmos, menos o Baritono

Voz fóra – Bis...naga !...

Quinota – (a Boato) Quem é este cantante?

Boato – Este é o pae de todos: é o micróbio da musicalite cantada... (estende a mão) Oh! mas está já chovendo; o melhor é sahirnos antes do aperto. (ouve-se tocar o Zé Pereira muito triste)

1º Passeante – (aos outros) Olha a musica, o que será?

2º Passeante – Vamos vêr.

2º Passeante – É um batalhão.

1º Passeante – Não é.

2º Passeante – É artilharia.

4º Passeante – Tudo as escuras! O que será?

Boato – Vamos vêr, vamos vêr... (sahem E. B.)

Quinota – Vamos embora, olha a chuva!

Janguta – Não, comadre, vamos ver aquelle angú...

Nicota – Estou com medo, mamãe!

Quinota – Cala a boca disfarçada!...

Mingote – E se vem mais pedradas!?

SCENA IX

Os mesmos, Boato e o povo que volta

Boato – (entrando) Não é nada; é um grupo denavaes as escuras; é o Club dos Demos Classicos... na sombra da modéstia.

1º Passeante – Ora essa! Às escuras! Nem um foguinho de bengala!

2º Passeante – (apalpando-se) Hom'essa! Querem vêr...

Todos – O que é? O que foi?

2º Passeante – Bifaram-me o relógio.

1º Passeante – Qual bifaram nada? Deixaste-o no prego, e não te lembras.

2º Passeante – Qual prego, é indústria que não há senão em particular, roubaram-no e foi agora ali no aperto...

1º Passeante – Pois então consola-te porque o Sampaio do coqueiro soffreu o mesmo desgosto, no domingo passado!

Mingote – Vamos, vamos: já estamos nos molhando e se me constipo, fico com uma piaseira no peito que não posso dormir...

Quinota – E eu que o diga; parece um gato; até me assusta; parece sempre que vem trepar p'ra cima da gente! Credo!

Boato – Lá por isso não há perigo; xaropes nesta terra há mais que trocos, e melhores que galinha; o da ponta, é o Cambará, é bom até para as formigas quando já tem catarro; há o de Cedro Vermelho do Barboza, bom para os marceneiros darem côr às mobílias, há o de Ambaitinga, novinho em folha; o de Angico, o de Herva de Bicho, o de Cascas de Alhos, o de Orelha de Páu, o de Gravatá, enfim uma xaropada inacabável.

1º Passeante – Olha a chuva, vamos para o Caixerá; Boulas, os bolas vae tocar o piston...

2º 3º e 4º Passeantes – Vamos, vamos

(reboliço, rizadaasm chamados, abrem-se chapéos de chuva etc., etc.

1º Caixeiro – Olhe a despeza moço!

2º Caixeiro – Oh! seu Carlos, olhe o cobre da cerveja.

2º Idem – Só duas sogras. Prompto seu geras!

2º Idem – Dois cognacs e um vinho do Porto.

Oh! Seu – (de pé em cima de uma meza, sacudindo um bahu com cobres) Senhores! Já tem troco! Chegado pelo ultimo vapor! Ultima novidade! Trocos, trocos! Trocos miúdos, muitos trocos! (todos vão sahindo sem atender aos caixeiros que continuam cobrando)

Boato – (de braço com Quinota e Nicota de chapéu aberto, Mingote e Janguta também procuram abrigar-se) Vê, fomos esperar e agora temos chuva grossa, bem; eu a Nicota e D. Quinota vamos por baixo... do chapéu, os senhores nos... vão atraz...

CÔRO (todos sahindo em desordem)
(musica do ultimo acto da Mascotte)

Escapa, escapa, escapa,
Desta chuva impertinente,
Pula, espreme, fura,
Não bata atraz da gente.
Ande, passe avante
Dê lugar aos mais,
Vá, já, p'ra lá,
Deixemos-nos de signaes! (a musica prossegue até a sahida final)

SCENA X

Oh! Seu e Caixeiro

Oh! Seu – (ao publico) Pois senhores, nem batendo o troco conseguir que estes sujeitos largassem metade das sogras que enguliram,

cerveja marca sogra, entenda-se. É no que dá a chuva d'agua: confusão, desordem, nariz de folha e eu que fique a ver... garrafas vazias... antes das outras chuvas, que dão logo paraa quebrar tudo, mas que pagam por cauza (mostra a língua) entendem? Isto é couza respeitada! (aos caixeiros) vamos, vamos, tratem de arrumar isso e apagar as luzes.

Voz fóra – É agora! Entra! Invade!

Oh! Seu – Livra que ahi vem elles! (em tom de comando) arrumar copos! Abafar garrafas! (comsigo contente) Estou destinado a agasalhar a alta militança! Veremos!

Voz fóra – Avança rapaziada! (os moleques entram em tropel, alguns pulam a grade)

SCENA XI

Os mesmos, Troça e moleques

Troça – Avança flor da gente! Nem é penca! (em tom de comando) Entrar nelas! (os moleques avançam às garrafas e bebem pulando e gritando)

Voz fóra – Viva o direito de propriedade!

Troça – Viva a gente da pá virada!

Todos – Viva!...

Troça – Viva eu!

Todos – Vivou... ou ou!...

Oh! Seu – (do kiosque onde se tem escondido)

Olha a policia!

Todos – (em debandada) Escapa! Foge.

Escapa!

Troça – (trágico) Pernas! Para que vos quero! Sae correndo)

SCENA XII

*Oh! Seu, caixeiros e 6 municipaes
(Estes entram da D. B. com uma e outra mão
fazendo gestos de agarrar, a passo cadenciado)
CÔRO dos minicipaes
(música da marcha do Elephante)
Estão aqui, estão seguros,
Seguritos de verdade,
Por querer, todo o respeito
Da gente desta cidade. (sahem E. A.)*

SCENA XIII

*Oh! Seu 1º, 2º e 3º caixeiros
(Sahindo pela D. B. e fazendo com uma e outra
mão gestos de enxugar lagrimas)
Vamos nos todos embora,
Já que a chuva assim o quis,
De nada serve a esperteza
Quando a gente é infeliz!
Troça fóra – Viva a liberdade!
Cae o panno*

Acto 1º Quadro 3º

A scena representa o interior do Mercado com a torre ao centro; bancas de verdura, idem de leite, kiosques, bancos, etc., etc.

SCENA I

Côro dos verdureiros (musica da mascote, Simão 40)

Dois vinténs de batatas

dois de batatas,

Dois rins e uma cebola

rim e cebola,

Qualquer dona de casa

dona de casa,

*Não s'aperta, só s'é tola
só sendo tola.*

Em vista da carestia

da carestia,

Que nos traz atrapalhados

atrapalhados,

Quem paga contas é tolo;

quem paga é tolo,

Nesta terra de fiados,

fiá... fiados!

Estas e outras taes facilidades,

Produzem o tal canto chorado;

É por isso que há tanto grão, senhor,

De colarinho em pé e esbodegado!

(acabado o côro todos voltam a ocupar os seus lugares)

Crioula – *(a Cabrocha ambas perto da torre)*

Commigo é nove! Tão bom como tão bom. E por onde eu passo, os christos só dizem: que crioula de qualidade...

Cabrocha – *Não admira, quem se afoga em pouca agua... que novidade...*

Crioula – *Ninguem lhe perguntou quantos*

anos tem, e é para quem quiser!...

Cabrocha – Bem se vê, quem nunca comeu melado, quando come se lambuza...

Crioula – De conversa fiada, já estou farta...

Cabrocha – Tu fallas, é de inveja: esta Cabrocha que aqui está bota terra em muita branca, fica sabendo!

Amantetico – Gostei do tombo da Cabrocha!

Crioula – (arregaçando as mangas) Tu deixa de arrelia! Cala a bocca hein?!...

Cabrocha – Tu não te enxergas? Nem é governo: eu já te ensino (tira o chinelo e vae para engalfinhar-se)

Amantetico – (a favor da Crioula, separando-as) Não me soques a Crioula! Eu entendo do riscado!

SCENA II

Os mesmos, e o Ficas, depois Idalino

Fiscal – (intervindo) Não quero desordens aqui; vão brigar lá p'ra rua! Uf! Que vidinha! É de criar cabelos brancos na paciência; agora depois de ter cobrado as pracas deste mundo todo ainda vou examinar o leite. Tarefa onça! Quando até o leite da vacca governamental anda com polvilho e agua! Haja vista, as notas do banco do credito popular e de Pernambuco; são leite da tal teta... dizem os fiscais de taes bancos, que é leite bom, mas o zé povinho é que não o engole bem... Podesse um fiscal da banca dar notas sobre notas de bancos... (chamando) Seu Idalino, traga a lata, (aparte) hade ser multa que te parta!

Idalino – (trazendo a lata) Prompto. Pode metter o seu instrumento ahi dentro, que não tem ciry para lhe morder...

Fiscal – (depois de examinar) Multado! 10 000! O seu leite estpa falsificado!

Idalino – O meu? O meu leite falsificado?
(chamando o filho, rapagão robusto, e
examinando-o por todos os lados pausa) vae, vae
rapaz e leva já a doze de leite para aquela
freguesa da rua 3. (ao publico) Então esta rapaz
terá mesmo jeito de falsificado?!

Fiscal – Não quero saber disso. Venha, venha a
multa, já disse que o leite está falsificado.

Idalino – (em aplomb) O leite? Nunca! Só se é
a vacca, também hoje é tanta cruza de raças...
nos bichos e na gente, que não admira! Raio de
vida. (pagando) Tome lá os dez ferros (aparte)
até agora tenho posto agua no leite; de hoje em
diante heide botar... leite na agua! Deixa elles
commigo! (vae para a sua banca)

SCENA III

Os mesmos e Scrima (da D. A com espadas e
floreteS debaixo do braço)

Scrima – Senhores! Lá scrima é um arte
suplime! Um simples colpo, um pequenho talgo
cortam muchas dificultades. Ninguem quer
aprender? Três leçons em 2 horas, prompto!
Não? Ninguem? (sae)

SCENA IV

Os mesmos e Rato Branco (da E. A. falando
para dentro)

Rato – Rato-branco vá ele!... arrepare com
quem falla se não lhe passo as bossas, eu cá sou
sordado marvado, e mal arrecebe o sordo, vou
logo comprá carçado de sarto arto p'ra roçá pelar
carçadas... Rato-branco hein? (sae D.B.)

SCENA V

Os mesmos e Boato (da E. B.)

Boato – (a um verdureiro) Então como vae o negocio? A classe já elegeo o representante para o congresso? Andem com isso, que este trabalho de regrar nabos e tirar a lagarta dos tomates, é muito mal pago!... (indo a um açougueiro) Olá! como vaes de boi? Máu negocio, sei; debes te dedicar a criação de suínos porque agora temos uma companhia que vai jistilhar cereaes e porcos, até logo. (vae a Idalino) Então homem, como vae esse socialismo? Sabes, tu ès socialista porque... das leite á sociedade. Trata de aumentar a tua democracia social, porque por emquanto pregas no deserto. Moras no Povo-novo, não é? (reparando) Adeus, lá vem o meu novo-Povo.

SCENA VI

Os mesmos, Mingote, Quinota, Nicota e Janguta (da D. B.)

Boato – (indo a elles) Bravo! Isto é que é pontualidade! (comprimentando) Passaram bem a noite?

Nicota – Eu sonhei com você...

Mingote – Ah! Meu amigo, tive uma piaseira no peito!...

Quinota – Depois de chegar, ceiamos de garfo. Eu passei a noite tão afrontada!...

Boato – Ora que pena!

Janguta – Comi uns peixitos encarnados, sem cabeça e assim a modo de argolas, chamados macarrão, racamão, remoção, ou que diabo é, (gesto de beber) chamei duas ao peito, e dormi como um lagarto em dia de sol quente!

Boato – Está bem, vamos dar uma volta para

ver o que há de bom. (vão andando) vêde a abundancia; esta tudo pela hora da morte mas é por cauza do cambio, que influe extraordinariamente sobre o preço do mondongo. O cambio baixa e tudo sobe. O cambio sobe, tudo deve baixar, não é? Pois não senhor, tudo fica na mesma, para um pouco mais até.

Mingote – Muito custa hoje a encher a barriga!...

Boato – Sem duvida; a illustrissima e excellentissima senhora dona barriga!... Quem é que por necessidade, por gosto ou por novidade, homem ou mulher, não a enche sempre que póde?! É uma tacadazinha e... prompto; outros são de guella larga... é preciso maior lastro... outros...

Janguta – (que tem estado a lêr um jornal) Oh! Seu Boato, que couza é esta historia dos barbeiros? Aqui? (amostra)

Boato – (lendo) Ah! isto é simples, mas é grave: é a greve dos barbeiros, simples, porque elles tem a navalha e o queixo... ás ordens (gesto) grave porque provoca mesmo os menos barbados a ficarem como barbadinhos...

Janguta – Macacos me mordam se eu entendi, eu vejo no jornal é que os barbeiros levantaram o preço das barbas feitas... nos outros, o que pe contrario a tudo.

Boato – É o cambio. (a Quinota e Nicota) É como lhe dizia, minhas senhores, o nosso isto, (bate na barriga) cheio, tudo é cor de roza, tudo anda bem; pegado no espinhaço, fica logo tudo preto, preto como a politica do estado no estado em que está estando... (ao publico) Isto não é portuguez nem no trapiche S. Pedro... (piscando o olho) mas garanto que me perceberam... não?...

Janguta – (a um vendedor de queijos) caramba! O que! Dois patações por um queijo... e duro como cogote de boi carreteiro (como respondendo

ao vendedor) *Que cambio! Que nada; o que é que tem o cambio com a coalhada? O cambio de vocês quanto mais desce, mais miséria há; cambio de vacca, quanto mais dece mais queijo se faz. Ouvio seu homem?*

Mingote – *Vamos andando gente. (aparte mostrando um papel) Este maldito avizo do banco me deixa bronco, e se o futuro genro fareja! Adeus!*

Boato – *(a Nicota) Então, os velhos já decidiram o dia? Para mim qualquer noite é dia...*

Nicota – *Já sim; papae disse que é para a semana que vem, sem falta. Eu já estou prontinha; ele diz que só espera uma carta do capataz lá da estancia sobre negócios...*

Boato – *(sófrego) Alguma tropa? Duas tropas? Muitas tropas?*

Nicota – *Não sei, mas parece que é...*

Boato – *Ai! Meu anjo, como és linda, como eu te adoro! (aparte) nunca me heide arrepender (expressivo) falla piano! Toca francez! Pelegama gorda!... (alto) podemos hir comer umas fructas, que acham?*

Mingote – *Não fará mal, seu Boato? (aparte) ah! o tal avizo!*

Quinota – *Meu deus, podem reparar...*

Nicota – *Ora mamãe, que reparem!...*

Quinota – *Cala a bocca disfarçada: como estás pondo os manguitos de fóra!...*

Boato – *Por isso não se afflija, olhe que por ahi há homemsinho, que seja de dia ou de noite, come o que lhe apareça. (todos se sentam perto da torre; o homem traz fructas diversas; Jangula descasca com facão, Boato reparando) Ora graças; até que enfim foram ouvidos os clamores dos heroicos apóstolos do remediographone sanitário, vejam!*

SCENA VII

Os mesmos e um carregador
(com um aparelho semelhante ao telefone com
muitos fios grossos, em cuja ponta em vez de
phone, há uns como bicos de mamadeira,
grandes; passa vagaroso para se ver bem)

Quinota – Olha! Parece uma aranha
caranguejeira!... o que é?

Boato – Aquillo é uma experiência de uma
colossal invenção moderna. É o
remediographone. Muito simples. Quando há
uma grande epidemia, cholera, variola,
hydrophobia e outras, agarram-se todos os
doentes e accomodão-se n'uma sala do lazareto;
Bem, em casa pharmacia há um aparelho
daqueles, ligado ao que está collocado no
hospital; este tal, é munido daqueles bicos de
mamadeira, cada um dos quaes toca a um dos
doentes; estes bicos ficam prezos a um barrete de
dormir, com uma campainha electrica.
Percebem? Quando é a hora do remédio, cada
pharmacia dá o seu signal, que é repetido nas
campainhas dos barretes dos doentes; a
pharmacia derrama o remédio dentro do
aparelho, e lá no lazareto, cada doente chupa no
seu bico... e todos tomam remédio, sem precisão
de enfermeiro.

Quinota – Mas se cada medico receita um
remédio diferente, e se as moléstias são
diferentes?

Boato – Que tem isso? Logo que toca a
campainha, cada doente chupa, e chupa porque
tem vontade de ficar bom; ora é ditado muito
antigo, que quem porfia, mata caça, todos
porfiam em curar-se, de maneira que por mais
damnada que seja a droga, o effeito é sempre
bom... por cauza da ausência do medico; agora
entendem?

Janguta – Mas se quando tocar a campainha, algum dos doentes estiver com a membrana do tympano da couza da orelha estragada, e não ouvir?

Boato – Elle vendo os outros a chupar, entra a chupeta também, ora isto é um grande progresso para Pelotas, onde os médicos só 36; não chegam para as encomendas, o remediographone, é indispensável para familia numerosas, colégios, corporações de mão morta, etc., etc. porque de uma cajada se matam muitos coelhos... digo se curam muitos doentes. E não depende de estação central, não há reclamações; não há moças remediographonistas para fazerem beicinho quando houver alguma queixa... Mas não querem mais nada? Vão-se servindo à vontade. Com licença eu volto já.
(vae de grupo em grupo, falando e gesticulando)

Mingote – (lendo a parte o papel) Ah! maldito avizo parece uma visão! (lê) Banco dos estados desunidos cá da terra: Avizamos ao senhor Domingos Mingote, que estando já terminado o 2º e ultimo prazo concedido para pagamento do dinheiro levantado neste banco sob hypotheca de sua estancia, se nestes 3 dias não entrar com a importância devida, lhe será a mesma estancia penhorada. E como manda quem pôde assim será executado, porque de conversas fiadas estamos com a gaveta cheia. Pela Directoria, Angel, chaveiro da caixa. (guarda o papel) E vá um homem comer fructas; dinheiro não há; o gado, rebanhos e cavalhadas, não chega para este saldo. Tudo por cauza do nove: gostozo nove! Maldito nove!

SCENA VIII

Os mesmos e Felizardo

(da D. A. em direção do seu kiosque na E. B.
rodeado de freguesas e fregueses)

Todos – Parabens! Viva o Felizardo!

Cabrocha e Crioula – em dueto (Musica do
ataca Felippe)

Gallinha ensopada, constante aborrece

Chega Felizardo p'ro fogo e t'aquece...

Cabrocha de caroço (

Crioula de maçada (rebola a valer

Quem prova não pode s'arrepender!

CÔRO

Vae! Vae!

Toca o rebolo

Roda! Felizardo,

Não sejas tolo!...

Cabrocha e Crioula

Chega Felizardo! O Petisco da ponta

Te faz esta festa porque lhe faz conta

Quem só tem comido do peor melado

Comendo do bom fica enlambuzado!

CÔRO

Vae! Vae! Etc., etc.

Felizardo – (em tom de discurso)

Senhorissimas! A sorte grande da lotaria me
espretejeo: foi uma sorte! O esquadrupeio do
trabalho de vender achas, que racha! Ficou no
porem da linha de hypothes, tendo de fazer lucta
de guerra ás gueiras de um sócio, que sucio! Que
quis se misturá no papé dos pezos! Mas porem,
com uma folha de papé de pezo, tudo se sumiu
no pó do harizonte, e teve de sahir p'ra fóra,
como bicho de pé, quando a gente se lava no

cozimento de picão! Agora, quando eu arrecadá de verdade o arame, hade haver ruvira uma sumana inteira de fio a pavio: não há parente pobre; a sorte que eu tirei nunca mais se acaba, (falla baixo a Cabrocha) valeo? (idem a Crioula) Está dito?... (ambas o abraçam)

Todos – Viva o Felizardo! Viva (repetição do câoro e duetto)

SCENA IX

Os mesmos, *Horrario* e um criado
(este traz um relógio de parede com muitos pezos e correntes que arrastam pelo chão)

Horrario – (mirando o relógio da torre) Uma horra, vinte minute e tessenofe segundos te tiverenza! (acerta o relógio a bengaladas e a tacão)

Felizardo – Mas o que é que você está fazendo seo?

Horrario – Está progurande gompinar horrario tá estrate te verro gom os pondes; este relógio está gronomedre p'ro carretes te pois! (sahindo) ateus senhor! (sahem)

SCENA X

Os mesmos, e 6 minicipaes
(da E. A. entram a passo acompanhado a orchestra.) Câoro, a musica dos jogadores da Maria Angot
Caçada gorda,
Mão forte e rija:
Stam co'a bocca
Na botija...
Unbal-os todos,
Sem barulhada,

É o elogio

Da rapaziada!

E olho vivo,

Com algum cabra:

Que tenha faca

Com que nos abra...

Quem há na vida,

Que não se torça:

São voluntários

Um pouco a força!...

Cabo – (recomendado silencio) Psio... osio...

(em tom de comando) Féxa! Cavalheiros no centro e damas p'ra fóra! (puchão das espadas, todos se espalham; grande reboliço, gritos; assobios, etc.,etc. os municipaes trazem cada um, um recrutado)

Cabrocha – (sahindo) Pobre do Antonio! E o Pedro, coitado! Vou pedir por elles... (sae)

Crioula – (idem) E o Lucindo! O Miguel, o Januarie e o Nestor, que judiaria! Vou pedir por elles. (sae)

Cabo – Conduzindo o 1º recrutado á frente) Está prezo, já disse.

1º Recrutado – (ao cabo) Eu sou cozinheiro ajudante do laboratório do lyceo! (apontando) aquelle faz a limpeza do escriptorio da suciadade Amparo das Familias!

2º Recrutado – (que é verduleiro) Eu cá sou purtuguez, inum bou prezo, num bou, e num bou. E não me tiro da qui, e arrumou! O' laré! E senão habemos de hir todos, eu e mal-os companheiros!

Cabo – Isso é lá com o capitão. (os soldados formam na bocca da scena, os recrutados na frente, o cabo dirige-se ao supriô na E. B.) Meu supriô! Estes suplicantes estavam se advertindo contra os apreitos do codio, e nois, seguindo a orde e o costume, fumos arrebanhando elles p'ro buque! (aos recrutados) Meia volta p'ra traz,

olhar á direita! Nariz em frente, e marche p'ro quarté!... (os recrutados e soldados sahem; ficando na E. B. o cabo e o supriô; logo após essas sahidadas começam a entrar destacadamente a Cabrocha, a Crioula, outras criadas e moleques, trazendo porção de cartas e cartões aos braçados, nos chapéos, em cestos etc., etc.)

SCENA XI

Os mesmos e o 1º Gatuno

Voz fóra – Pega ladrão! Pega ladrão!

Gatuno – (atravessando a scena com um leitão e dando-o a Mingote) Cavalheiro! Estou com uma dor de barriga furiosa, faça favor de me reparar por esta criança... (foge)

Nicota – Mamãe! Que bom para assar para o meu casamento!

Quinota – Cala a bocca disfarçada!

Voz fóra – Pega! Pega gatuno!

SCENA XII

Os mesmos e Gatuno

Gatuno – (com um ganço que entrega a Janguta) Caro amigo, já que vae para casa, leve isto que já o alcanço. (foge E. B. pela frente do cabo)

Cabo – Que diabo de banzê é este? Vou ver! (sae)

SCENA XIII

Os mesmos menos o Cabo e o Gatuno

Janguta – (com o ganço na mão) Comadre, ter, nada é: mas andar com o ganço na rua!... (mette-o debaixo do ponche)

Quinota – Olha teu padrinho! Que disfarçado!

Nicota – Ué! Deixe o padrinho esconder o ganso, mamãe!

SCENA XIV

Os mesmos e o *Dono*

O Dono – (da D. B.) O meu leitão, senhores? Não viram o meu leitão? (reparando) Ah! Obrigado senhor! Quer comprar? É barato. É leitão de xarqueada, foi pegado na estrada, fóra do chiqueiro e o dono não viu. É uma pechincha, compre.

Mingote – Não quero seu. Me deixe (o homem sae)

SCENA XV

Os mesmos e *Boato*

Boato – (chegando-se) O que é isto? (batendo na barriga de *Janguta*) Que inchaço é esse que você tem na barriga? (o ganço grita) Oh! figuras dos sublimes animaes da minha colleccão; o ganço, o gato, o porco, a jaguatirica, e um outro, único no original e abundantíssimo nas cópias: um animal ante-diluviano e moderníssimo: o pifas tremas, conhecer? É um animal terrível, de sete cabeças, muitas unhas e pernas moles. Mas não me dirão que cerca *Lourenço* é este?

Mingote – Parece que é o tal recrutamento de voluntários...

Boato – Continua a prepotência? Onde estão as garantias publicas? Não há liberdade de metter as botas em quem não as tem! Anda tudo amordaçado! Quem me dá uma fatia grossa? Ninguém? Abaixo a tyrannia! Fóra o despotismo!

Cabo – (que tem entrado durante a falla acima, aproxima-se e espirra) Atchín!...

Boato – (assustado) Com arma de fogo não. Eu

falei por brincadeira... (conversação em voz baixa)

SCENA XVI

Os mesmos e Sombra (da D. B.)

Sombra – (olhando para Boato e consultando um papel) Pois senhores, pelos signaes que me deram é facilimo agarrar o tal Boato: cara... entre as orelhas; é, é; ele tem uma orelha de cada lado; nariz acima da bocca... deixa ver... é, também tem; alto, baixo... gordo, magro; barbado, imberbe; bem ruivo de cabelos pretos, isto eu não vejo bem; mas mais claro... só a luz do nosso gazometro. É, é ele mesmo. É até palpite, (indo a Boato) com licença, camarada, diga-me com franqueza, assim como quem se confessa a deus padre: o senhor tem a cara entre as orelhas?

Boato – Que novidade! Veja!...

Sombra – (radiante) Eu não dizia?!... O senhor é o Boato?

Boato – (trágico) Nu-u-unca! (aparte) já tardava!... A companhia do Braga de um lado; o gado e a estancia do Mingote do outro... Santa cara dura! Valei-me! Boato, firme! (alto) camarada! Dá-lhe um cigarro e acende outro)

SCENA MUDA

(ao som do tango do Boato, em surdina)

Boato – (explica por mimica) Não sou eu; sou sério não corto a pelle alheia; estou para casar, minha noiva. Linda! Meu sogro, rico; tem estancia, gado, cavahada; minha sogra, meu padrinho. (aponta) eu não fallo mal de ninguém, não escrevo, como, durmo e fumo.

Sombra – (mostra o papel) Me desculpe, já vejo que estou em erro; a culpa não é minha: é deste

papel. Então o senhor casa-se? Há dança? Come-se e bebe-se? Eu posso ir?

Boato – Pode, pois não. (abraçando-se; a musica para)

Boato – (falando) Passei-se a perna, Sombra!

Sombra – (falando) Rodou! Que troxa!

Ambos – Te farei a cama. (Sombra sae)

SCENA XVII

Os mesmos menos Sombra

Supriô – (com os bolços cheios de cartas e cartões e em baixo do braço zangado) Assim é impossível! (chamando) Cabo, mande largar toda aquella gente. (sae)

Cabo – Sim sinhô, meu supriô, já vou. (vae a sahir e encontra a esquadra que entra) Vá largar toda aquella gente, que é orde, cada um p'ra sua casa com sua mulhê e seus fios.

SCENA XVIII

Os mesmos, menos Supriô

(logo depois começam a reentrar os recrutados, criados, etc., etc.)

Janguta – (sacodindo o ganço) All'agua patos!

Nicota – O ganço do padrinho!

Quinota – O ganço do compadre!

Cabo – O ganço do homem!

Boato – Oh! !...

Todos – O ganço!!

Janguta – Ué! O que é que tem o meu bicho... p'ra tudo estar ahi de bocca aberta?!...

Cabo – (a esquadra) Esquadra! Meia volta por qualquer lado! Tomar o ganço! (os soldados avançam e tomam a ave de Janguta; depois de uma pequena luta vão sahindo com o cabo)

Boato – Senhores! O principio da fundação do alicerce da baze, da raiz do pé da arvore da

liberdade... (avançando para o cabo e esquadra que sahem)

Nícota – (atacando) Boato, tem pena de mim!... Não te arrisques...

Quinota – Cala a bocca disfarçada! Meu próximo futuro genro: cautela e caldo de galinha!...

Mingote – (aparte) E que tal o raio da hypotheca! 3 dias!

Janguta – (a Boato) Atropella moço, não arrolhe!

Boato – Temos tempo; eu volto logo... (furioso)
A prepotência não se acaba? Continua a imperar a mordança? Ox... fox... imperáto... em virtude do grande Chiriririviri, recomece o trabalho da língua publica!...

SCENA XIX

Os mesmos, o Moleque e Boatinhos de 1 a 7

Moleque – Me dá um teston?! (foge)

1º Boatinho – Grande novidade: agora mesmo morreu uma família inteira: o pae, a mãe, a avó, duas tias, cinco crianças, três gatos, um cachorro, uma boneca e um cavalo de pau!...

Todos – Como? Porque?!

1º Boatinho – Isto é um conto de Santanna: porque cheiraram um barril de vinho, sem pecados, porque eestava até bem baptizado!...

Todos – (tristreza) Ora... ora... ora... ora...

Janguta – Ora... ora... p'ro nobis!

2º Boatinho – Agarrou-se... psio... agarrou-se um tubarão no lado da praça!...

Todos – Uú ú ú ú ú h!...

3º Boatinho – (zangado e imitando a campainha de um telefone) Perrrim! Perrrim! E nada! Vou deixar de ser assignante! Allô! Quem fálla?

É de embasbacar um cidadão,

Fallando de negócios decididos,

Ficar com o phone na mão...

E lá, os dropes cahidos!...

Boato – Isto hade ser porque o art. 7 do regulamento da companhia não tem sido cumprido...

4º Boatinho – Bem feito! Foi prezo agora mesmo um padeiro por vender pão com pezo legal!

Todos – Oh! que fenômeno!

7º Boatinho – Não riam-se que o cazo não é p'ra pagodes...(o 6º toma a frente)

6º Boatinho – Tem-se vacinado 146:369 pessoas, entre inteiros e fracções... (o 7º toma a frente)

7º Boatinho – Não ter telegrapho e ter por força de dizer que a panela da mãe Joanna está bem temperada é o diabo! (o 6º toma a frente)

6º Boatinho – Este numero correspondeu a 18 garrações de vacina; os médicos fizeram 584.000 e tantos buracos...

Ambos – Voltaremos ao assumpto!...

5º Boatinho – Grande desgraça! Está pegando fogo no milho e na cevada da primeira fabrica de café puro para famílias!

Janguta – Puxa... lá terra de novidades!

Boato – Você ainda não vio nada! Quando eu me disponho...

Janguta – Já lo creio; é como fogo n'um bamburral: sahe tisna p'ra todos os lados!...

Boato – E causo inveja porque muita gente me imita.

6º Boatinho – Espantozo, em reunião feral nas esquinas, os boateiros todos resolveram fazer greve e não espalhar mais boatos.

Todos – Historias, Boato. Conversa. Mentira!

SCENA XX

Os mesmos e Sombra (da D. B.)
(ouve-se tocar a rebate, apitos, gritos de fogo,
fogo, etc.)

Janguta – Vamos apagar o fogo, seu Boato,
mecha-se!

Todos – Vamos ver! Vamos! Vamos!
(movimento)

Nicota – Mamãe, estou com medo!

Quinota – Cala a boca, disfarçada!

Boato – (a Nicota) Não te assustes, minha
pomba!

Mingote – (aparte) D'aqui a 3 dias, a
hypotheca!

Janguta – Co'os diabos, movam-se!

Todos – Vamos, vamos!

Janguta e)o Boato jura, afirma

Mingote)Que o que diz é couza seria

Mingote – Serio é isto, e com certeza (bis)
Não é peta, nem é leria!

Janguta – Para mim que o conheço...
Tudo é peta, tudo é leria!

Sombra – Mas quem sabe
Se não hade ser seguro... (bis)
E então? Oh! que apuro!

Boato – Ides, voz, mais uma vez
Como ovelhas ao curral:
Esmurrar-vos uns aos outros
Em adoração ao tal..

CÔRO

O'ra bollas, o boato
Já fez callo a paciência (bis)
Evital-o é um trabalho
Não é arte, é já sciencia!

Janguta – Vamos apagar o fogo, minha gente!...

Todos – Vamos! Vamos!...

Cae o panno

Acto 2º Quadro 4

Gabinete; porta ao fundo e lateral; mobília elegante.

SCENA I

Mingote – (só, passeando de um lado para outro, em chinelos e mandas de camisa trazendo o palla enfiado) Afinal... ponto final! Vejam só como o ponto maior, nos tira o maior ponto... (gesto de dinheiro) de apoio!... E ainda assim, fui feliz: o banco toma conta da estancia, sem barulhos nem editaes dos taes... O tal doutor em leis que me arranjou o negocio, é que me poz com dores na nuca: olhem que por uma nica de serviço sempre me levou um naco!...

SCENA II

O mesmo e Quinota (da D. B.)

Quinota – (muito empavonada) Mingote... pois você ainda está em trajes menores? Anda homem, senão quando vier gente, ainda você está se vestindo, e com a pressa tem de acabar depressa. Eu estou arrochada neste colete que a tal madama me fez, que quase nem suspiro... Não há como o corpinho: não faz lanhos na carne, e nem põe a gente de jeito que nem um gole d'agua póde engulir. Olha Mingote: mulher que senta muito teza e na ponta da cadeira, custando a respirar e de vez em quando se retorcendo... bebe dois golinhos d'agua, e se o lenço cahe ao chão e não póde levantá-lo, ah! meu velho, podes garantir: está apertada. Eu cá, não; ando frouxa (experimentando o collete) A Nicota está n'uma alegria! Ai! Ai! Meu velho, nem você se lembra do nosso dia!... (Mingote faz-

lhe uma festinha no queixo) Socegue, seu Mingote! Mal sabe ella... ora mas também é a única e melhor couza que se leva na vida... até me cresce agua na bocca...

Mingote – *Quinota! Quinota!*

Quinota – *Socegue seu Mingote. Agora quando formos para a estancia, depois desses barulhos todos... vamos ficar tão sosinhos, não é Mingote? Porque o Boato não hade querer largar a calçadaria da cidade: casa-se, leva a Nicota, aluga casa e fica n'ela... a gozar a vida com todo o socego. (como lembrando-se) Ah! então está determinado, não é? O casamento civil hoje, e amanhã então o casamento de verdade, na igreja, o seu Sacarabor já disse que se a capistrana cazasse havia de ser assim. E eu acho bem feito, e nem precisa dizer a todo mundo. E com o Boato então é preciso muito cuidado, senão ele é capaz de dizer não só a meio mundo como... ao meio mundo... E que disfarçado ele é!... Olha, tem me rondado... me apalçado... sobre a estancia... se é grande, se tem muito gado...*

Mingote – *Por ahi está tudo arrumado. Agora, p'ra esta despeza... e outras (aparte) Eu que o diga! (alto) tenho de vender uma porção regular de gado; não há perigo, os amigos é que tem andado por lá; estamos garantidos; foi até uma sorte elles irem acampar lá perto... tu hade ver o que é respeito!*

Quinota – *Ah! eu também fico contente, porque assim a estancia fica menos exposta aos chimarrões. Mas Mingote, e o dinheiro das tropas este ano?*

Mingote – *Boa safra, um safrão. Empreguei tudo nas invernadas: estão atopetadas.*

Quinota – *Mingote! Mingote!*

Mingote – *Heide tirar um custeio enorme; no fim do ano, dobro os pés com a cabeça! (aparte)*

E já metti os pés p'las mãos!

Quinota – Mingote! Mingote!

Mingote – O que é Quinota! Isto é negocio claro; os gados estão escassos; a nossa estancia está cheia; com certeza os preços vão ser altos e...

Quinota – Olha Mingote, o ovo ainda está nos interiores da galinha!

SCENA III

Os mesmos e Janguta (do fundo)

Janguta – (entrando) Ora santas e buenas! Caramba! Me parecia estar de cavalo cançado, mas aqui estou eu rente que nem pão quente! Como lhe vae comadrinha? Ah! ah! lindaça e de apertos novos! Que choro, amigo! Vae botar terra nessa gente!...

Quinota – Cala a boca seu disfarçado! Que homem este! Que pena a comadre Marucas não ter vindo...

Janguta – Ora a pobre Marucas, quem a tira de perto do neto, tira-lhe a luz dos olhos, e o diabinho do menino é mesmo um feitiço... (a Mingote) Então já arregalaste o negocio do banco?

Quinota – (raido, curiosa) Que negocio, que negocio de banco?

Janguta – Ora que negocio: O da hypothecca da estancia!...

Mingote – Me botaste o lombilho bem em cima da mata!

Quinota – Que hypothecca é essa?

Janguta – Lá... fresca! Já me sentei nas ortigas!

Mingote – (atrapalhado) Não é nada, Quinota... é... sim... tu sabes... que a estancia... sim... já estava empenhada; não pude pagar os prêmios, no tempo competente... e elles começaram a perfilhar... peço segundo prazo... o banco deu-me corda... foi indo... nada de

prêmios nem antigos nem novos... e a conta a engordar; e tal e couzas... barulhos... ameaça de penhora... Eu tenho ainda uns vales na praça... preciso honrar a firma, e a rapariga vai casar... Entreguei o campo e fico com ele arrendado... para disfarçar. Entendes? Ficamos sem campo, mas ficamos com toda a animalada.

Quinota – (abysmada) Mas que homem disfarçado!

Janguta – Mas ouve cá, compadre: e se agora esse alarife sabe da sua má posição e... refuga?

Mingote – Stá o diabo! Stá o diabo!

Janguta – Porque, já lhe tenho dito: nunca engracei com o tal rapaz, e se houvesse alguma diferença, eu encontrava-lhe a faza na volta da paleta; mas também lhe digo que foi máo jogo esse de enguiçar o homem, botando isca gorda no anzol, que brinquedo, estancia grande e gadaria á ufa! E agora, mesmo quando ele tá pinicando, retirar a isca... eu lhe digo, que é para esse sotreta bufar no cabestro e velhaquear com os arreios!

Mingote – Mas compadre, é uma desgraça que me sucede: eu não fiz de propósito; ele que tinha tanto amor á raparida, quando era rica, não era pela riqueza, era mesmo amor della. Aquillo é um moço honesto!... E você vai ver: quando ele vier conto-lhe que a estancia me foi penhorada, amigavelmente... e você verá como ele grita logo: minha Nicota do coração, amo-te agora mais que nunca! Trabalharei p'ra ti!

Janguta – Não faça isso homem! Olhe que bagual passarinho até da sombra se assusta!...

Quinota – É mesmo, compadre. E se ele se escuzar? Que vergonha! O que dirá depois o mundo! Nada! Que se case e depois rôa calado! Quem tarde vier coma do que trazer.

Mingote – É. Mas depois? Eu é que me aguento, não?

Janguta – Comadre, chame a Nicota e vamos explicar-lhe isto, que é para a inocentinha não ir desmanchar esta historia por não saber aparar o pião na unha...

Mingote – Ella esta se vestindo.

Quinota – Não faz mal. Vamos enquanto é tempo. (sahindo) Eu volto já.

Mingote – Espera mulher. O que é que lhe vamos dizer?

Janguta – Muito simples. Se o Boato lhe perguntar alguma couza sobre estancia, gados, etc., etc. dizer que não sabe, mas que está tudo na mesma; que aqui o compadre está muito contente com a safra, enfim, garantir que tudo vae optimamente.

Quinota – A pobrezinha mentindo!...

Mingote – Mentindo, a pobrezinha!

Janguta – Pois então chamem o Boato, e digam-lhe só duas palavrinhas...

Quinota -)

Mingote -) Que vergonha!

Mingote – Vae, Quinota.

Quinota – Vou, compadre?

Janguta – Vá, comadre. (Quinota sae rápida D. B.)

SCENA IV (MUDA)

Os mesmos menos Quinota

Mingote – (Passea de um lado para outro, com uma mão atrás, outra adiante, e trocando-as alternativamente)

Janguta – (Parado, como quem diz que não tem nada com isso, pensando e gesticulando.)

SCENA V

Os mesmos, *Quinota* e *Nicota*
(*esta em saia porem penteada, bem calçada e com suas joias etc.*)

Quinota – (puchando *Nicota* por um braço)
Entra, disfarçada!

Nicota – (reparando em *Janguta* e recuando)
Mamãe!

Janguta – Não te envergonhes, menina, já me molhaste muitas bombachas!

Quinota – (puchando-a) Caminha, disfarçada!

Mingote – *Nicota*, o Boato nunca te perguntou nada sobre se tu tinhas... (gesto de dinheiro)

Nicota – (envergonhada) Ora... papae!...

Mingote – Responde!

Quinota – Falla!

Janguta – Desembucha!

Nicota – Eu disse a ele o que o papae mesmo e a mamãe sempre me disseram: que eu era muito rica e gastasse o que quisesse!

Quinota -)

Janguta -) Babáu! (consultam-se baixo)

Mingote -)

Nicota – Ué!...

Mingote – *Nicota*, tu não sabes de nada? Nós agora somos ricos pelo meio só; mas não digas nada, nada.

Quinota – Prometter é muito bom... mas na noite do casamento... cabeça no ar... esquece tudo... e conta tudo... Eu sei!...

Janguta – Menina, ouve: segundo me disse a comadre, tu te cazas hoje só pela metade, isto é, civilmente; amanhã casarás a outra metade na igreja...

Mingote – Ora bem; de hoje até amanhã...

Quinota – Nem uma palavra!

Nicota – Então heide ficar calada?!

Janguta – Ao contrario; quando ele... te perguntar pela fortuna, é sempre responder: sobre isso estou descançada!

Quinota – Estou intacta!

Mingote – Estou garantida!

Os três – Percebeste?

Nicota – Sim; sobre fortuna, dizer: Estou descançada! Estou garantida! Estou intacta! Mais nada? Ninguém váe mais bulir commigo? Então vou acabar de me vestir. (sahe)

SCENA VI

Os mesmos, menos Nicota

Mingote – (choromingando) Compadre

Janguta!

Quinota – (idem) o que vae ser da pobrezinha!

Janguta – Ê... é pobre... coitada... pobrezinha... todas ellas se delambem, se requebram, querem que tal, sim senhor, etc; Mas quando é para aguentar o repuxo, é só: coitada, pobrezinha! Tambem não se é nenhum tubarão, para cortar uma christã de meio a meio!

Mingote – (

Quinota - (Compadre *Janguta*!

Janguta – Comadre, sabe que mais: deixe-se de choross, já lhe disse: o rapaz não vae comer a Nicota. Eu comi a Marucas? O compadre comeu a comadre? Não? Pois então, coração á larga, e deixe correr o marfim!

Quinota -)

Mingote -) Compadre *Janguta*!

SCENA VII

Os mesmos e a Costureira (a D. B.)

Costureira – (entrando com um par de calçar de mulher) D. Quinota? (reparando em *Janguta*,

e falla baixo mostrando que a calça está apertada.)

Mingote – (a Janguta) O que me aflige não é o casamento da filha; é o tombo que o Boato vai levar!

Costureira – (a Quinota) Agora o remédio é a senhora emprestar umas suas...

Quinota – Está bom... como não é p'ra hoje... (sahe D. B.)

SCENA VIII

Os mesmos, menos Quinota e Costureira

Mingote – Compadre: mas que mundéos tem este mundo! É um mundo deles!...

Janguta – Trate de ir se vestir de sobrecasaca, que esse povo não hade tardar!

Mingote – É verdade! Já nem me lembrava! Eu volto já! (sahe D. A.)

SCENA IX

Janguta só

Janguta – (passeando) Este homem tem dado por paus e por pedras. Tem levado cada puaço / Eu nem sei como um fortunão destes, se tem ido por agua abaixo! É o tal nove... nove, nozes fora nada! Ainda o que vale é andar isto encoberto, se não lhe cahiam os urubus em cima, que nem a ossamenta lhe deixavam! E depois, meteu-se-lhe na cabeça de cazar a minha afilhada com um araganaço, mettido sempre com a vida dos outros; que conversa pelos cotovelos, mente com trezentos diabos, desavergonhado como um boateiro, e que aparece aqui, some-se alli, torna a surdir, amoita-se, belisca, atira os outros na dança e tira o pé do laço, não aguenta um tirão secco, e quando se olha para ele bem no branco dos olhos, o homem se engasga, pede perdão, jura

que nunca mais ou diz que foi por brincadeira... e zas! Logo no dia seguinte tanto se me dá, como se me deu (cusbindo) Tuh! Diabo! Também o nome dele: ora, Borromeo Boato!

SCENA X

O mesmo e D. Linguinha

Linguinha – (da porta) *Dá licença, vizinha?...*

Janguta – *Como passou, moça? Atropele ao fundo; a comadre está lá p'ra dentro!...*

Linguinha – *Eu sou a vizinha; aqui do lado com sua licença (sahindo, aparte) chi! Que michidade! Nem um criado na porta! Cruzes! (sahe D.B.)*

SCENA XI

Janguta e Mingote (da D. A.)

Janguta – (com sigo) *Quem será esta alma de gato?!*

Mingote – (entrando) *Prompto, cá estou eu.*

Janguta – *Entrou ahi uma madama, que disse que era tua vizinha...*

Mingote – *Ah! Deve ser a D. Linguinha; muito boa senhora, muito serviçal; ainda quando a Quinota teve o garrotinho e andou com aquella ronqueira que tanto nos assustou, foi com ella que nos achamos. Também a Quinota tem sido agradecida: é um queijo, uma galinha, uma garrafa de vinho; e a Nicota também já lhe fez uns crochets. Boa alma!*

Janguta – *Ah! stá bem; é uma bela senhora! (escutando) Olhe compadre, parece que vem entrando gente.*

SCENA XII

Os mesmos, Gogo' 1º e família

Gógó 1º - Dão licença? (á família) vão entrando!

Mingote - (indo recebê-los) Façam favor de entrar!...

Gógó e família - (simultaneamente) Como passou? Como passou? Como passou?

Mingote - Todos bons, obrigados, sentem-se, sentem-se (Gógó e família sentão-se e conversam em voz baixa.)

SCENA XIII

Os mesmos e D. Linguinha (D. B.)

Linguinha - (com um lenço de doces e uma garrafa de vinho no bolço) Que michidade! Arrotavam tantas fortunas e afinal...

(muchochos) Eu vim só para ver a noita; tão mal vestida que está, coitada; o vestido muito fuchicado; a cama não está armada; dizem que só vae servir amanhã! Que novidade!... E até... que engraçado... as calças não serviram por estarem muito apertadas, honra seja feita!...

Benza os Deus. Não me convidaram p'ra nada nem para comer um docinho! Ingratas! Também se eu não fosse tão traquejada! (mostrando o lenço e a garrafa) Assim é que eu os ensino! É a velha! Credo! Com um vestido do tempo do ariri! E está com uma prôa!... Nem se lembra do tempo em que eu é que cuidei do garrotinho... até com o risco de me pegar! Ai! Ai! Deixe-me ir guardar isto e se puder volto. (sahe F.)

SCENA XIV

Os mesmos, menos D. Linguinha e depois
Quinota e a criada

Mingote – (ao Gógó 1º continuando a conversa) Não senhor, amigo Gógó, a culpa é do governo: eu e outro amigo, sabido velho nestas couzas, nos oferecemos para comprar cavallhada por conta da fazenda, a cem mil réis cada um e uma comissão de dez mil réis por cabeça, pois veja até onde vae a inépcia do governo: recuzou a nossa offerta e mandou comprar cavalos postos no lugar precizo a 8 pexos por cabeça! Tudo para proteger afilhados e eu e o tal meu amigo, que é doutor por signal, sofremos uma recuza!...

Quinota – (entrando da D. B. e falando para dentro) Anda, passa de pressa antes que chegue alguém! (a criada atravessa a scena com uma grande bacia na mão e um balde de folha. Quinota, reparando nos convidados) Que vergonha! (comprimentando) Como vae? Como tem passado? Todos bons! Ora o gato virou uma compoteira de doce e tive de mandar esfregar o chão... Porque não vieram mais cedinho?

Gógó 1º - Ora deixe: já estávamos prontos; o Quincas, o Chico, o Hyppolito; a Caxuxa e a Mimoza começaram de manhã... e até tive de correr o chinelo... Pois é verdade: com que então a menina caza-se, hein?!...

Quinota – É verdade; tem idade...

Mingote – E tem vontade...

Janguta – E que novidade!

Gógó 1º - E é uma necessidade!...

SCENA XV

Os mesmos, Gogo' 2º e família

Gógó 2º - (da porta) Dão licença? Tudo aqui é de paz!

Mingote - (indo recebê-los) Pois não; vão entrando. Como vae? Como passou! Sentem-se. (estes vão apertando a mão de um por um aos que já estão e sentão-se.)

Janguta - (enquanto duram os cumprimentos, e disfarçando) Ah! morena que me fazes penar! (da-lhe um beliscão e fica serio) Chica cuida a porta!

Chica - (da porta) Olha o noivo! O noivo!

Todos - (curiosidade) O noivo! O noivo!

SCENA XVI

Os mesmos, Boato, Cae n'agua, 1º e 2º

Elegantes e outros convidados

Boato - (entrando) Cavalheiros! Minhas senhoras! Meu sogro! Minha sogra! (abraça e beija-a) Meu padrinho! (aparte) Que ponta medonha!...

Janguta - Agora é que eu quero vê se você tem guzo no caracú!...

Quinota - Ah! meu que... querido genrinho... eu...

Mingote - Cuidado, mulher, não vas descarrilhas. Lembra-te daquilo... (a Boato) Preciso fallar-lhe um momeno (afastão-se e falam baixo)

Quinota - Com licença; vou dar uma vista d'olhos lá por dentro (sahindo, aparte) Se não se aeprta a Nicota abre-se e diz tudo. Eu sei... (sahe D. B.)

SCENA XVII

Os mesmos, Juiz e Escrivão

Mingote – Fica satisfeito assim?

Boato – Oh! meu adorável sogro, nem me toque nessas bagatelas!

Chica – (da porta) O homem já está ahí!...

Mingote – Com licença; (indo a porta) faça o favor, entre, a caza é sua seu Doutor!

Juiz – (entrando) Meus senhores! (vae para a E. B. com Mingote, Janguta e o escrivão tomam a D. B. ; este traz um enorme livro, que é o decreto e um caderninho que é o de registros).

Boato – (aparte radiante) Trinta contos e a Nicota, não é mau para começar. O diabo é ainda ter de esperar pelas tropas. Emfim! Não socego enquanto não vir o preto no branco.

Janguta – (a Mingote) Oh! compadre... aquelle sujeito... aquelle... o guarda-livros dos cazamentos pede um tinteiro e pena para fazer os assentos...

Mingote – E verdade: tinta e penna! Meus senhores, estejam a gosto, com licença. (sahida falsa) Oh! Chica vem cá. (sahem D. A.)

SCENA VXIII

Os mesmos, menos Mingote

Chica – (voltando) Seu cahe n'agua, o senhor está o chamando...

Cahe n'agua – (indo) Rapazes... vou á revista! (sahem)

SCENA XIX

Os mesmos, menos Chica e Cahe n'agua

Gógó 1º – (a um convidado, depois de silencio)

Sim senhor: este mundo é uma bola: tanto anda

como desanda!

Gógó 2º - (idem a outro convidado) Senhor, sim: este mundo é uma laranja: partida ao meio dá duas metades!...

1º Elegante - Que maçada! Há três noites que não durmo: tem sido uma chança seguida; e ainda hontem, aquelle fandango da pandilha, acabou por me derrear! (bocejando) E nem um cognac para espertar! Decididamente não há nada como ser Boato; também se ele só servisse para apanhar moscas...

2º Elegante - Vou fazer furor com a minha cavatina. (canta alto e desafinado um pedaço qualquer de opera conhecida; o 1º Elegante puxa-o pelo braço e faz-lhe ver que o lugar não é próprio) Vocês se queixam do estomago, da cabeça, de tudo, pela vida desordenada que levam: dediquem-se as artes liberaes, colleccionem sellos, desenhem monogramas, aprendam a fazer sombrinhas chinezas...

SCENA XX

Os mesmos, Mingote e Chica

Mingote - Prompto, SEU DOUTOR, aqui tem tinta e penna.

Janguta - (voz baixa) Caramba, compadre, que você se demorou!... Oh! Chica, cuida a porta! (o escrivão começa o trabalho).

SCENA XXI

Os mesmos e Cahe n'agua

Cahe n'agua - (vindo de dentro, ao grupo dos Elegantes) Chi! Rapazes: que meza! Que meirão! Um meirão de arromba! Tem cada perú que parece uma avestruz! Carname á úfa! Vinho marca cometa de rabo, garantida! Doces do

Maximiano! *Que chança! Olhem: se eu tiver alguma couza, vocês já ficam prevenidos: (tira três vidros do bolço e guarda outra vez) óleo de ricino... sal ammonico... e pílulas do Heinzellman para o caso de eu ter enjôos... quando me sentar a meza!...*

SCENA XXII

Os mesmos, Quinota e Nicota, correcta porem simplesmente vestida sem véo nem corôa

Quinota – (na porta) Entra menina!...

Todos – A noiva! A noiva!

1º Elegante – Bem chic! Bem feitinha de corpo!...

2º Elegante – Bello typo de contrabaixo... ora... de contralto... digo...

Cahe n'agua – Que cores, hein? Acostumada a boa meza! Quem me dera!...

Boato – (aparte) Hom'essa... nem véo... nem corôa... nem as flores de lorangeira... (alto, indo ao seu encontro) Ora afinal, querido anjo! Estás assustada? (baixo) Mas que invenção de toilette é esta? Então noiva se veste assim?

Nicota – Ué! O papae e a mamãe é que quiseram; que amanhã então, quando formos a igreja, é que eu botarei o vestido branco, a grinalda e o véo...

Boato – O que, hom? Mas amanhã já a grinalda não tem razão de ser... (aparte) commigo é nove! (alto) Mas Nicota, isso é serio?

Nicota – Pois eu ia mentir, Boato? É sim, o papae e a mamãe disseram isso...

Boato – Mas como é que nunca me consultaram em nada? E tu, o que dizes?

Nicota – Ué!... eu... por mim... tomara já... mas a mamãe não quer...

Mingote – (chegando-se a Nicota, ao ouvido) Nicota, lembra-te: sobre aquillo... estás

garantida...

Janguta – (idem) Afilhada... sobre aquela conversa não te esqueças... estás intacta e bate o pé... por maior que seja o apuro em que estejas...

Nicota – Sim, não esqueço.

Boato – (com sigo) Os velhos parece que estão contentes. Ah! minha Nicota, já vierem cartas do capataz?...

Nicota – (atalhando) Ah! sobre isso? Estou descançada... estou intacta... estou garantida!

Escrivão – Prompto, meus senhores!

Todos – Psio... psio!...

Boato – (aparte) Estou quase batendo o pé... digo batendo língua... mas as tropas... a estancia!

Juiz – Podemos começar? Façam favor. Os noivos... os padrinhos... (arruma os grupos)

Quinota – (baixo a Nicota) Olha o que eu já te recomendei, disfarçada...

Janguta – (baixo e expressivo) Oh! Chica! Vem ver...

Juiz – tosse, etc, lendo um enorme livro)Mizeró homo, quia mocotam saramundengum est; cazamentum est lex raparigorum et velhorum e de gente de certa idade!... (tosse) Decreto numero não sei quantos dos novos moldes. O cazorio é obrigatório: 1º Quando ele piza no pé della e ella piza no pé dele; 2º quando... (tosse forte; todos tossem forte) 3º quando todos fazem muito gosto. São impedimentos da conjucção conyectungativa da conjugação conjugal: 1º Dois proveitos não cabem n'um sacco só; 2º A couza de que quando mais se tira maior fica, é um buraco; 3º Quem cabras não tiver e cabritos vender... o prejudicado que dê parte a policia; 4º É expressamente prohibido: cantar, tocar ou dançar o Ataca Felipe! 5º Quem não se sentir com forças de fornecer o pão nosso de cada dia, é melhor arriar com a trouxa, porque quem não

podê com o tempo não procure sarna para se coçar. (aos convidados) Tem a palavra, quem quizer sahir aos embargos!... (pauza) Ninguem quer engrilar-se?... (pauza) Visto que ninguém respinga, eu, em nome do ilustrado decreto aqui presente, vos declaro aptos para exercício legal e isentos do imposto de industrias e profissões. (os noivos assignam) O decreto vos sauda! Crescei e multiplicaê! (estabelece-se a confusão; abraços, cumprimentos, felicitações, etc., etc.

Boato – (levando Quinota para um lado da scena e falando baixo) Mas é exacto, minha sogra atual, o que me disse a minha addiada mulher?

Quinota – Sobre o que? E limpe a bocca, que a sua noiva ainda não é sua mulher...

Boato – Como não, minha senhora... a lei...

Quinota – Qual lei, nem lâ, nem lua. Hoje fazemos esta festinha e depois cada um vae para o seu lado; amanhã então fazemos o casamento de verdade, casamento á padre, que para mim é o que vale: pergunte ao Mingote?...

Boato – Pergunto mas é ao juiz...

Quinota – Pergunte a quem quizer, e sabe que mais? Quem manda aqui sou eu e hade ser o que eu quizer. (ao publico) Que disfarçado, este!...

Boato – (aparte) Ui! Vou me ver abarbadado! Que bixa me sahio a tal sogra! (alto) Mas isto não tem jeito, senhora, um homem cazar-se e... (chupa o dedo) Protesto solememente!...

Mingote – Mas que mal faz o casamento amanhã; isto o contraria? (aparte) está no gancho, agora que se agente.

Boato – Amanhã é uma historia; o legal é este, o outro é só... (signal de abençoar) para mim é indifferente que seja agora, na outra semana, ou d'aqui a um mez... mas é que uma vez civil...izado...

Mingote – Mas quem lhe diz que não, homem de Deus!

Boato – Ah! bom, bom; era isso que eu queria, vamos ao reverendo quando quiser, eu não me recuzo; mas desde amanhã de manhã, pela manhã bem cedo, quando nós nos acordarmos para o bom chocolate...

Mingote – Ah! Agora percebo... Não... sobre isso temos conversado... casado... casado... para ser mesmo o que se diz... (gesto) percebe? Unha com carne, isso meu genro, só amanhã pelo menos depois da meia noite!...

Boato – (arreatado, indo ao juiz) E esta? Se a moda pega! (falam baixo)

Juiz – Perante o decreto... nem é carreira... agora perante a chave da porta!...

Janguta – (a Boato) Que diabo! Deixe o bagual a sogá... até é bom para adelgaçar!... Está você ahi com cara de gaúcho que não toma matte a quinze dias!...

Boato – (dramático) Padrinho da minha legitima meia mulher: se ella não valesse mulher e meia, eu sei qual éra o meio de tirar partido inteiro disto! Disse! (há cochichos entre os convidados e risadas abafadas.)

Nicota – Mamãe... chi! O Boato está assanhado!...

Quinota – Cala a bocca disfarçada, pode até arrebentar!

Nicota – Eu não sei para que é que a gente se casa, se não é para ir com o seu marido!...

Quinota – (batendo o pé) Bico! Amanhã, amanhã e amanhã!...

Boato – (aparte) Commigo! Mas também se eu não engulo este caroço... E dizer-se que estou estanceiro forte! Agora sim, abandono a carreira da arma... (mostra a língua; alto, chegando-se a Nicota) Então Nicota... só amanhã... hein? (grande suspiro.)

Quinota – Mingote são horas. Compadre
Janguta, convide os convidados, vamos?

Janguta – All'agua, patos! Oh! Chica, fecha a
porta!

Mingote – (canta, muzica da comedia “Como
se faz um deputado”)

Ide, ide meus senhores

Para a sala de jantar,

Entre porcos e perús

O casório festejar. (bis)

CÔRO

Entre porcos e perús

Beberemos a vontade,

A saúde do Boato

E sua cara metade.

Jantar! Jantar! (a musica prossegue, Boato dá o
braço á noiva; os conidados ás damas; dão uma
volta na scena e sahem D. A. Janguta fica para
traz com uma Gógó; a Chica disfarçadamente
puxa-lhe a aba do frak e ele sem se voltar
procura a repelir,)

Cafe o panno

Acto 2º Quadro 5º

Sala de jantar; meza ao centro, com iguarias, flores, etc., etc. Os convidados estão concluindo o banquete a orchestra toca a polka do gato-preto.

SCENA I

Todos – Hipp! Hipp! Hurra! (Boato e Nicota sahem da meza e vão para o sophá).

Gógó 2º - (grave e pauzado) Eu faltaria ao mais sagrado de todos os deveres, se neste momento solemne, deixasse de erguer a minha débil e palpitante voz, para, empunhando a taça, saudar os dois noivos, elle e ella, ella e elle, tão amantes, quam amados! Aos noivos!

Todos – Rapa... rapa... ra...padura! (bebem)

1º Elegante – A' razão da mesma.

2º idem – Da capo... á mesma!

Todos – Benguella!...

SCENA II

Os mesmos, Telegraphista e Chica (da porta)

Chica – (ao telegrafista) Ué, gente, o homem está comendo. Não levo nada agora!...

Telegraphista – Não faz mal, rapariga; leva d'uma vez o telegramma e traz o recibo e alguma couza que se beba (a criada recusa) deixa de historias, que isto é com pressa. Leva (dá)

Chica – (recebendo) Eu gosto de levar mas é quando elle está mando. (a Mingote) Stá que um home trouxe (Mingote dá recibo, chica levou).

Telegraphista – Qu' é da dóze?

Chica – Você é gauderio...?

Telegraphista – Sovina!... (sahe)

SCENA III

Os mesmos, menos Telegraphista

Janguta – (batendo palmas) Senhores...

Todos – Psio! Psio! (Janguta prepara-se, tosse, puxa os punhos, enquanto Mingote lê o teleframma aparte).

Mingote – (lendo) Fazenda saqueada, casa incendiada. Gado, gato lambeu, cavallhada voou; aramado, terra. Eu, disga, salvo, milagre, roupa corpo. Ramão, capataz. (fica petrificado com o telegramma na mão, exclamando com voz roquenha!) Pellado!!

1º Boatinho – (tirando o telegramma da mão de Mingote e levando-o a Boato) Toma p'ro teu tabaco!...

Todos – Psio! Psio!...

Janguta – Senhores, lá vae obra...

Boato – (lendo e levantando-se insensivelmente) Bigodeado! (fica igualmente petrificado a olhar para Mingote, boquiaberto; o telegramma cahe-lhe da mão.)

Janguta – (na cabeceira da meza em tom de discurso.)

Senhores donos da casa,
Licença que vou fallar:
Para saudar os dois noivos,
Que acabaram de se cazar!

Eu não sou filho d'aqui,
Sou filho lá de fóra;
Ando cumprindo o meu fado,
Acabando vou-me embora.
Quando eu era frango novo,
Comia milho na mão...
Agora, sou gallo velho,
Bato co' o bico no chão"
Não tenho medo dos homens,
Nem do ronco que elles tem;

O bezouro também ronca:
Vae se vêr não é ninguém.
Caracol picou na couve,
Por que não picou no alho.
Alho, caracol e couve,
Couve, caracol e alho.
Auzente do bem amado,
Não tenho consolação...
Macaco também é gente,
Cada um faz o que quer!
A penna para escrever,
Deve ser de pato macho:
O amor para se amar,
Deve-se chamar Nicota!
Lá de traz daquele cerro,
Vem uma vacca barroza;
Vem berrando e vem dizendo
Viva a comadre Quinota!
Todos – Bravo! Bravo! Muito bem!
Janguta – Folga, folga, minha gente,
Que uma noite, não é nada;
Se não dormires agora,
Dormirás de madrugada!

Vou fechar esta saúde
Com este copinho na mão,
Viva o compadere Mingote
E toda a sua geração!
Todos – Muito bem! Bravo! Bravo! (durante
este discurso, Quinota tem vindo á boca da
scena, apanha o telegramma, lê e depois de
contemplar por um momento, Boato e Mingote,
diz):
Quinota – Mas que homens disfarçados!
Boato – (voz abafada, porém forte) Disfarçado,
eu, senhora? Mais disfarçados farcistas são
vocês, que tão disfarçadamente me envolveram
na mais ridícula das farças! (alterando-se mais)
Ah! o único pezar que me resta neste momento,
é mesmo que a sua vontade de inda há pouco,

não seja de facto uma lei; mas infelizmente estou cazado, bigodeado, roubado, sem gado nem campo nem aramado! A estrella brilhante do Boato, empana-se, perde a sua força. Eu, Borromeo Almanak de Boato, vou ser o bate moleque! Oh! Sorte do Boato! Oh! Boato sem sorte! (cahe no sophá; Mingote conserva-se na sua posição.)

Todos – Oh! Oh!

Quinota – (afflicta e desatinada a Janguta)
Que vergonha, compadre!

Janguta – Que é comadrinha? Se há alguma diferença, eu vou buscar o facão...

Nicota – Mas o que é isto? (á Janguta e Quinota) sobre aquillo... eu afirmei que estava descançada, intacta e garantida!...

SCENA IV

Os mesmos, Sombra e Chica (do fundo)

Chica – (empurrando Sombra) Ué seu! O que é que você quer?...

Sombra – Agora nem é penca. Eu bem disse que o cabra rodava!... (indo a Boato e segurando-o) Apanhei-te, cavaquinho... E com a bocca na botija!...

Todos – Não póde! Larga! Larga!

Sombra – Selencio!

Cahe n'agua – É phosphoro!

Gógó 1º - (embriagado) É phos... é phos... é phos...

Todos – Larga, não póde, larga o noivo!

Sombra – Selencio!

Gógó 2º - É contra a constituição! Está violando a lei...

Sombra – Olhe, quando me encostam o cacete cá pela constituição (mostra as costelas) ninguém vae p'ro jornal dizer que ella foi violada!...

Mingote – (absorto) Pellado!

Boato – (idem) Bigodeado!

Elegante 1º - (indo a sombra e segurando-o pelo braço) Camarada tenha paciência! O homem cazou-se a pouco mais de uma hora. Não o leve.

Gógó 2º - (idem, por outro braço) Um homem que vae começar a fazer família... leve-o depois de iniciado o serviço.

Gógó 1º - É phos... é phos... é phos...

Elegante 1º - Sirva-se de alguma couza.

Cahe n'agua – (levando Sombra para a meza) Olhe, entre n'esta empada, arrume-lhe, que está mesmo de chupeta (todos cercam Sombra, oferecem pratos de comida, doces, copos de vinho, etc., etc.)

Elegante 1º - Coma!

Elegante 2º - Beba!

Gógó 2º - Engula!

Janguta – Vire!

Cahe n'agua – Repita o prato!

Gógó 1º - É phos... é phos... é phos...

Janguta – Cale a boca seu paleta!...

Sombra – (de bocca cheia) Que gente bôa!

Elegante 1º - É de rigos fazer uma saúde!

Sombra – (de copo na mão)

P'ra tudo é preciso sorte:

Até p'ra lavar, também:

O dia que não faz sol,

A roupa não quara bem!

Todos – Muito bem! Muito bem!

Sombra – Obrigado, meu povo! (a Boato) Oh!

Tú Boato, que pagaste o pato! Tantas falcatruas, foram as tuas, que afinal, cahiste mal! Pobre de ti, coitado, que esqueceste o ditado: tantas vezes o pote vae á fonte, que o dia em que menos conte, perde da sorte a vaza, e fica sempre sem aza! Mas tudo passa... deixal-os fallal-os, que elles calarão-se-hão-se! (dramático)
Vamos: o seu Braga da rua 7 te espera! (enfia-

lhe o braço.)

Nicota – dispondo-se a acompanhá-los) Eu também vou! Posso ir. Estou cazada, muito bem cazada. Não é seu juiz? (ao juiz)

Juiz – Depois das formalidades... o decreto authorisa a ir logo as do cabo...

Nicota – Eu vou, eu vou, hei de ir...

Todos – Não vae! Larga! Não pode! Deixa!

Quinota – (com as mãos na cabeça) Meu Santo Antonio lá de casa! Que vergonha! Que vergonha!

Janguta – Não se assuste, comadrinha: isto é farelorio; eu já arranjo tudo. (aos convidados) Então não se dança, minha gente? Vamos afazer uma perna!...

Elegante 1º - (á Sombra) Deixe o homem selas as cartas. Leve-o depois, vamos dançar!...

Sombra – Pois vamos. Eu cá sou páu para toda a obra! De todo o geito, o Boato não vae se acabar do pé para a mão, vamos!

Elegante 2º - Preciza retirar a meza para o fundo. (grande reboliço; os convidados vão puxando a meza.)

Cahe n'agua – (só à meza e comendo sempre) Espera um pouco! Que diabo de pressa! Que pouca educação! Os outros ainda não acabaram!

Janguta – Tirem companheiros! [

SCENA V

Os mesmos e os Boatinhos (da D. A.)

Boatinhos – (entram e cercam Boato.)

Boato – (E. B.) Bigodeado!

Nicota – (centro) Casada!

Mingote – (D. B.) Pellado!

Quinota – (perto de Mingote) Que disfarçados!

Todos – A' dança! Á dança! (rompe o tango do

*Boato; Janguta pega a dançar com a Chica,
Sombra agarra-se a Quinota; os convidados uns
com os outros; os Gógós de parte a princípio,
depois influem-se e dançam um com outro;
Mingote continua repetindo em voz baixa:
PELLADO! Boato idem: BIGODEADO!
Nicota contemplando ora um, ora outro, diz:
CAZADA! Os Boatinhos dançam em roda de
Boato fazendo navição; grande fandango!)
Cahe o panno*